



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
CAMPUS JARAGUÁ DO SUL**

BRUNA MILENY NAZARI
CARLOS EDUARDO PEDROSO
GUSTAVO POLTRONIERI HRUSCHKA
JULIANI CRISTINA DA SILVA
LARISSA JAROCZINSKI
NICOLLY COLAÇO PEREIRA

**A INTERFERÊNCIA DA INDUMENTÁRIA NAS RELAÇÕES SOCIAIS:
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE POR MEIO DAS ROUPAS**

JARAGUÁ DO SUL/SC

2019

**BRUNA MILENY NAZARI
CARLOS EDUARDO PEDROSO
GUSTAVO POLTRONIERI HRUSCHKA
JULIANI CRISTINA DA SILVA
LARISSA JAROCZINSKI
NICOLLY COLAÇO PEREIRA**

**A INTERFERÊNCIA DA INDUMENTÁRIA NAS RELAÇÕES SOCIAIS:
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE POR MEIO DAS ROUPAS**

Projeto de pesquisa desenvolvido no eixo formativo diversificado “Conectando os Saberes” do Curso Técnico em Química (Modalidade Integrado) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Câmpus Jaraguá do Sul.

Orientador: Profº Roberto Eissler
Coorientador: Profª Fabiane Fischer
Murara

**JARAGUÁ DO SUL/SC
2019**

AGRADECIMENTOS

*Ao IFSC Câmpus Jaraguá do Sul, por realizar o Conectando Saberes, nos
fazendo ter contato com a pesquisa científica ainda no ensino médio;*

*Aos orientadores, por estarem sempre presentes e dispostos a nos ajudar,
fazendo-nos aprender com os erros e experiências, sem vocês nosso estudo não
possuiria rumo;*

*Aos alunos entrevistados, por se disponibilizarem a ajudar no nosso
trabalho, vocês foram imprescindíveis;*

*À banca, que apontou nossos erros e para que por meio deles, a
investigação obtivesse os melhores resultados.*

RESUMO

Roupas estão evidentemente presentes em nossas vidas, por meio delas podemos nos expressar e mostrar quem somos ou quem gostaríamos de ser, construindo, assim, a nossa identidade (GARCIA, MIRANDA, 2007). De acordo com Whetten e Godfrey (1998 *apud* MACHADO, 2003), construir a própria identidade é um permanente desafio de encontrar o equilíbrio entre aquilo que se é e o que os outros esperam que nós sejamos. A presente pesquisa, que tem como foco analisar a forma que a indumentária afeta nossas relações interpessoais e compreender como nos manifestamos através desta, surge a partir de questionamentos relacionados à forma que a indumentária poderia influenciar a construção da identidade dos indivíduos. A metodologia propõe quinze entrevistas com discentes dos cursos técnicos integrados do câmpus que cumpriam requisitos pré-estabelecidos para atender aos objetivos e hipóteses da investigação. Posteriormente às entrevistas foram realizadas observações participantes perante o comportamento dos entrevistados, para que dessa forma se pudesse analisar suas respostas e a forma como a indumentária influencia o cotidiano do entrevistado. Concluindo-se assim que as roupas influenciam na construção da identidade das pessoas em algum nível seja por ser requisito para entrada em algum grupo social, ou por julgamentos direcionados às roupas que podem alterar a maneira com que o indivíduo se enxerga.

Palavras-chave: Indumentária. Identidade. Autoexpressão.

ABSTRACT

It's evident that clothes have an impressive impact in our lives, considering we can express ourselves by them and show who we are or who we aspire to become, therefore, building our own identity (GARCIA, MIRANDA, 2007). According to Whetten and Godfrey (1998 apud MACHADO, 2003), the development of your individuality it's a constant challenge of finding the right balance between what you are and what people expect you to be. This research, which focus on analyzing the effects clothing items may have on our personal relationships and in the understanding of how we manifest ourselves through fashion, was brought to life due to questionings about the way clothing could affect the construction of our personal identity. In this regard, the methodology required fifteen interviews with students of the campus integrated technical courses who fit the pre-established profile that was evolved aiming to accomplish the project's goals. Later on, participant observations were made in an effort to analyse the answers of the ones that were interviewed about how clothing influenced their lives. In summary, clothing can have a huge impact in an individual's identity construction, taking into account that the way you dress will affect how society sees and judges you, moreover, it will even show an influence on the social group you participate in.

Keywords: Clothing. Identity. Self expression.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 HIPÓTESES	8
3 OBJETIVO GERAL	8
3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
4 JUSTIFICATIVA	9
5 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	10
5.1 IDENTIDADE	10
5.1.1 Identidade Social e Identidade Pessoal	10
5.1.2 A construção da identidade na adolescência	11
5.1.3 Identidade na Modernidade	14
5.2 A MODA	16
5.2.1 Moda e aparência através do tempo	19
5.2.2 O Estilo e a Comunicação através das roupas	19
5.2.3 As tribos sociais e suas relações com a moda	21
5.3 INDUMENTÁRIA	23
5.3.1 Roupas, comunicação e a expressão do indivíduo	23
5.3.2 As marcas	25
5.3.3 O Uniforme	28
6 METODOLOGIA	29
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICES	41
APÊNDICE A:	41
PERGUNTAS BASE PARA A ESTRUTURAÇÃO DA ENTREVISTA:	41
APÊNDICE B:	42
TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS	42

1 INTRODUÇÃO

Segundo Monteiro (1999) a roupa é uma espécie de representação de si mesmo, como uma forma de autoexpressão. Desta forma, apresenta um traço de individualidade, usado para demonstrar que uma pessoa é única e que pode distinguir-se dos demais por meio da roupa que usa. Além disso, carrega através dos tempos uma concepção de classe, de casta social, como se a pessoa dissesse: eu pertenço à determinada classe ou em tempos atuais: eu pertenço à determinada tribo.

Perante isso, o presente trabalho busca analisar e compreender como as roupas funcionam como instrumentos de autoexpressão e a influência delas nas relações sociais dos alunos do IFSC Jaraguá do Sul Centro, tendo como base uma revisão bibliográfica voltada principalmente para identidade, e buscando identificar como a indumentária pode influenciar em sua construção, acarretando, assim, sua influência para as relações sociais.

Baseando-se na teoria psicossocial de Erikson, a tarefa mais importante da adolescência é a construção da identidade; partindo desse pressuposto, este estudo abrangeu 15 estudantes (entre 15 e 18 anos) do Ensino Médio, que foram selecionados a partir dos critérios estabelecidos para os participantes da análise e de uma observação antecedente.

Consoante aos critérios estabelecidos para a escolha dos entrevistados e dos objetivos específicos definidos pelo grupo para a análise, foi elaborado um roteiro de entrevista que buscava abranger os temas de todas as hipóteses e objetivos.

Com as respostas obtidas por parte dos entrevistados, consumamos que as roupas podem acabar acarretando em julgamentos a respeito de classe social, pré-conceitos a cerca de tribos sociais, isto é, vestimentas proporcionam julgamentos equivocados sobre os mais variados tipos de pessoas, até alunos, os quais constatamos ainda que usam sim alguns tipos de roupas para certas ocasiões, apenas para se encaixar no meio.

Diante do que foi exposto, foram realizadas mais observações para uma análise complementar do comportamento dos entrevistados. Com essas observações foi possível perceber aquilo que os entrevistados afirmaram nas entrevistas, tanto confirmando seus relatos, na maioria dos casos, quanto

percebendo irregularidades quanto às respostas dadas no momento de realização da entrevista, e efetivamente as ações do mesmo no cotidiano.

Acerca disso foram verificadas todas as quatro hipóteses formuladas pelo grupo, as quais foram usadas como base para concluir que a influência da indumentária na identidade se dá tanto pelas influências carregadas pelo próprio indivíduo tanto quanto as influências do meio comum. Assim sendo as vestimentas podem ainda servir como porta de entrada para grupos que possuem determinadas características, as chamadas tribos sociais.

2 HIPÓTESES

- O preço ou a marca de uma roupa pode propiciar julgamentos a respeito da classe social das pessoas e posicioná-las na sociedade perante aos outros;
- O estilo das roupas pode dividir os indivíduos em “tribos sociais”, ou seja, grupos com gostos em comum, cercando as relações interpessoais;
- A roupa que um sujeito utiliza pode trazer visões e opiniões errôneas sobre sua pessoa;
- Alguns alunos do IFSC, por pressão social, se vestem com roupas que não gostam ou que não se sentem confortáveis somente para se inserirem no meio de convívio.

3 OBJETIVO GERAL

Compreender como as roupas funcionam como instrumentos de autoexpressão e a influência destas nas relações sociais.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Destacar o caráter simbólico da roupa como forma de identificação social e instrumento de auto expressão;
- Identificar como as roupas de uma pessoa podem defini-la em meio à sociedade;
- Compreender a maneira com que as tribos sociais e suas respectivas indumentárias influenciam na relações interpessoais dos alunos;
- Entender o motivo pelo qual o uso do uniforme é feito por parte dos alunos,

apesar de não ser obrigatório.

4 JUSTIFICATIVA

A partir da observação do cotidiano foi possível perceber que as roupas, de alguma forma, possuem uma influência nas relações entre as pessoas. Então, buscando compreender esse fenômeno, deu-se início a presente pesquisa delimitando-a aos alunos dos cursos integrados do IFSC Câmpus Jaraguá do Sul - Centro.

A escolha dos alunos dos cursos integrados como objeto de pesquisa foi feita por estarem todos na adolescência, que é o estágio da vida no qual, de acordo com Erikson (1972), a maioria das pessoas deveria desenvolver sua identidade, além de que estes teriam uma maior facilidade em serem abordados na presente pesquisa, por estarem na mesma faixa etária e instituição dos pesquisadores.

A partir desse cotidiano e da bibliografia disponível a respeito do tema de pesquisa foi possível perceber que a importância das vestes vai além do que era pensado anteriormente a partir do senso comum, pois as roupas são mais do que apenas pedaços de tecido: “A maneira como cobre seu corpo, enfim, funciona como uma espécie de escrita que vai registrando quem esse indivíduo é e como vive sua vida” (GARCIA, MIRANDA, 2007 p. 30).

Dessa forma, a importância desta pesquisa reside na complexidade ainda pouco explorada do tema, principalmente no câmpus alvo, onde são oferecidos diversos cursos na área do vestuário e centenas de alunos na faixa de desenvolvimento da identidade apontada por Erikson.

5 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

5.1 IDENTIDADE

5.1.1 Identidade Social e Identidade Pessoal

De acordo com Dubar (1996 *apud* MACHADO, 2003) a identidade constitui uma tentativa de explicação do conceito de si, sendo fruto de uma construção psicológica. É processo em construção, definido pela intermediação constante das identidades assumidas e das identidades visadas.

A dinâmica da identidade é alimentada pela busca constante de unidade subjetiva por parte dos indivíduos, pois eles adotam frequentemente padrões comportamentais direcionados para preencher as expectativas do outro sobre sua própria conduta, contrariando muitas vezes sua autodeterminação. (RICOEUR, 1990 *apud* MACHADO, 2003, p. 02).

Segundo Berlatto (2009) identidade social é o que possibilita o reconhecimento social da pessoa, mas também pode ser motivo de estigma, e de acordo com Machado (2003) a identidade social trata do conceito de si a partir da vinculação da pessoa a grupos sociais.

A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculado a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. (CUCHE, 1999. p. 177)

Apontado por Chauchat e Durand-Delvigne (1999 *apud* MACHADO, 2003) a identidade social é constituída não somente pela representação que o indivíduo faz dele mesmo no seu ambiente social, referindo-se a diferentes grupos aos quais ele pertence, mas também aos grupos de oposição, aos quais ele não pertence, pois essa identidade é guiada pela necessidade do indivíduo de ser no mundo, assim como pela sua necessidade de pertencer a grupos sociais. Isso ocorre porque a definição do outro e de si mesmo é relacional e comparativa (ASHFORTH, MAEL, 1989 *apud* MACHADO, 2003).

Segundo Machado (2003), identidade pessoal está ligada a uma construção individual do conceito de si, enquanto a identidade social trata do conceito de si a partir da vinculação da pessoa a grupos sociais.

De acordo com Whetten e Godfrey (1998 *apud* MACHADO, 2003) construir a

própria identidade é, portanto, permanente desafio no sentido de encontrar o equilíbrio entre aquilo que se é e o que os outros esperam que nós sejamos. O outro é o espelho social que permite ao indivíduo reconhecer-se, avaliar-se e aprovar-se. Sob essa perspectiva, o eu não existe, a não ser em interação com os outros.

5.1.2 A construção da identidade na adolescência

Vendo como identidades exteriores influenciam na construção da identidade de um indivíduo, sendo esta um aspecto em constante mudança e instável, podemos relacionar a instabilidade e comparação às identidades exteriores, com a teoria psicossocial de fases de Erikson (1972), pois a mesma aborda tal temática quando discute a respeito dos momentos de crises e ansiedades relacionados à identidade durante a adolescência.

Construir uma identidade, para Erikson (1972), implica definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais direções deseja seguir pela vida. Ele entende que identidade é uma concepção bem organizada do ego, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido.

De acordo com Erikson (1972) um indivíduo deveria construir a sua identidade durante a adolescência, porém essa construção não é feita de um mesmo modo para todos os adolescentes, ou seja, não é de um modo padronizado e linear. Durante esta fase da vida há sempre a busca por algo mais, há crises, indecisões, situações conflituosas que estão relacionadas entre si.

O autor acredita que para a construção da identidade acontecer ela ocorreria imbricada a dimensões institucional, sociocultural, histórica e biológica em interação, no entrecruzamento dessas influências.

A formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais, que são as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade, de fatores interpessoais, que está relacionada a identificações com outras pessoas e de fatores culturais que são os valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto globais quanto comunitários. (ERIKSON, 1972 apud SCHOEN-FERREIRA, AZNAR-FARIAS, SILVARES, 2003.).

Erikson, como é indicado por Rabello, E.T. E Passos, J. S. [s.d], criou alguns estágios, chamados de psicossociais, onde ele descreveu algumas crises pelas

quais o ego passa, ao longo da vida. Estas crises seriam construídas de forma que, ao sair delas, o sujeito sairia com um ego mais fortalecido ou mais frágil, de acordo com a sua experiência adquirida no conflito. Este final de crise influenciaria diretamente o próximo estágio, de forma que o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo estaria completamente interligado no seu contexto social, palco destas crises.

Uma vez que a personalidade é construída, isso não confere um caráter rígido à ela, continuando o indivíduo a reorganizar, a cada momento, os elementos integrantes da sua personalidade, ajustando-a, portanto às diversas circunstâncias, do cotidiano, que nos vão surgindo.

A adolescência é uma etapa que impele o indivíduo a uma redefinição da própria identidade, ao avaliar sua inserção no plano espaço-temporal, integrando o passado, com suas identificações e conflitos, ao futuro, com suas perspectivas e antecipações. Erikson insiste na necessidade de o adolescente fazer uma integração de seu passado e futuro, através de um processo de recapitulação e planejamento.

O autor ressalta que o adolescente precisa de segurança frente a todas as transformações – físicas e psicológicas – do período. Essa segurança ele encontra na forma de sua identidade, que foi construída por seu ego em todos os estágios anteriores.

Esse sentimento de identidade se expressa em questões, presentes para o adolescente em relação ao seu convívio social, personalidades, futuro e etc. Respondendo a essas questões, o adolescente pretende se encaixar em algum papel na sociedade. Existe o surgimento do envolvimento ideológico, que é o que comanda a formação de grupos na adolescência (ERIKSON, 1972).

O ser humano precisa sentir que determinado grupo apóia suas idéias e sua identidade. As identificações podem ir ao encontro da identidade do sujeito, ou diferenciar-se por completo. Neste jogo de reconhecimento é que a identidade vai se criando. O que faz com que a produção de identificações não seja algo lógico e determinado. Assim, este processo de identificação, ou de diferenciação, vai ser fundamental para a compreensão da formação das identidades.

A identidade será coletivamente constituída por essas identificações, através do discurso, muito embora o ego ideal seja “composto de identificação com ideais

culturais que não são necessariamente harmoniosos” (HALL, 2000, p.107). O autor entende que

As identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo do discurso, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades são sujeitadas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2000, p.108).

Toda a preocupação do adolescente em encontrar um papel social provoca uma confusão de identidade, afinal, a preocupação com a opinião alheia faz com que o adolescente modifique o tempo todo suas atitudes, remodelando sua personalidade muitas vezes em um período muito curto, seguindo o mesmo ritmo das transformações físicas que acontecem com ele.

Segundo Erikson (1972) o que mais perturba os jovens é a incapacidade para decidir uma identidade ocupacional. Para Schoen-ferreira, Aznar-farias e Silvares (2003) “desenvolver uma identidade madura supõe identificar-se com uma ocupação determinada e com um núcleo de relações interpessoais relativamente estáveis”

Na fase da adolescência, cada vez mais antecipada pelas culturas ocidentais, há a preocupação com o que os outros estão pensando. Na teoria eriksoniana, a importância desta etapa é crucial porque nela são vivenciados todos os conflitos das fases anteriores, seus bons ou maus desfechos, e os sentimentos gerados ao longo da infância pelas chamadas crises do ego. Ao definirmos quem somos, pensamos juntamente o que faremos de nossa vida.

Erikson lembra que o ser humano mantém suas defesas para sobreviver. Ao sinal de qualquer problema, uma delas pode ser ativada. Nesta confusão de identidade, o adolescente pode se sentir vazio, isolado, ansioso, sentindo-se também, muitas vezes, incapaz de se encaixar no mundo adulto, o que pode muitas vezes levar a uma regressão.

Também pode acontecer de o jovem projetar suas tendências em outras pessoas, por ele mesmo não suportar sua identidade. Aliás, este é um dos mecanismos apontados por Erikson como base para a formação de preconceitos e discriminações.

Contudo, a confusão de identidade pode ter um bom desfecho: em meio à crise, quanto melhor o adolescente tiver resolvido suas crises anteriores, mais

possibilidades terá de alcançar aqui a estabilização da identidade. Entretanto, esta visão de que uma identidade relativamente estável seja possível não é aceita por vários autores. Um deles é Zygmunt Bauman (2000), autor que entendia as identidades, na modernidade líquida, como incompletas e em constante mudança.

5.1.3 Identidade na Modernidade

Diferentemente de épocas anteriores, na atualidade, que Bauman (2000) chama de Modernidade Líquida, não há mais autoridades fortes o suficiente para definirem os fins das pessoas, isto é, seus objetivos. Ao invés disso, há várias autoridades competindo pela influência sobre os indivíduos. Portanto, o foco da vida muda, antes ele estava nos meios, pois os fins já eram definidos por algo exterior. Agora o foco está em decidir qual dos fins será perseguido, jogando a discussão dos meios para segundo plano.

Na falta de uma Suprema Repartição (ou melhor, na presença de muitas repartições competindo pela supremacia, nenhuma delas com grandes chances de vencer), a questão dos objetivos está novamente posta e destinada a tornar-se causa de muita hesitação e agonia sem fim, a solapar a confiança e gerar a sensação enervante de incerteza e, portanto, também um Estado de ansiedade perpétua. (BAUMAN, 2000. p. 72)

Neste contexto de diversas autoridades disputando por influência, a verdadeira autoridade está no indivíduo consumidor, que tem a liberdade de escolher entre elas, decidindo qual dos modelos de vida irá comprar. É importante ressaltar que, para Bauman (2000), o ato de comprar é um conceito muito mais amplo do que o “ir às compras” do senso comum:

Não se compra apenas comida, sapatos, automóveis ou itens de mobiliário. A busca ávida e sem fim por novos exemplos aperfeiçoados e por receitas de vida é também uma variedade do comprar, e uma variedade da máxima importância (BAUMAN, 2000, p. 87)

Uma das consequências diretas dessa mudança na maneira com que as autoridades estão postas, ou seja, dependendo da aprovação do consumidor, é a mudança, também, na maneira com que essas autoridades trabalham, sendo muito mais amigáveis com o consumidor, tentando persuadi-lo constantemente.

Ironicamente, este processo de tentativas incessantes de persuasão é o que faz com que nenhuma das autoridades possa se estabelecer permanentemente, visto que, há sempre uma proposta mais interessante, um produto que chama mais atenção. Isso faz com que se mantenha a sensação de liberdade proveniente da infinidade de possibilidades a serem testadas.

Para que as possibilidades continuem infinitas, nenhuma deve ser capaz de petrificar-se em realidade para sempre. Melhor que permaneçam líquidas e fluidas e tenham “data de validade”, caso contrário poderiam excluir as oportunidades remanescentes e abortar o embrião da próxima aventura (BAUMAN, 2000, p. 74)

Porém, essa liberdade de escolha em meio ao mercado de possibilidades vem com um preço: a ansiedade de nunca saber se está se tomando as decisões corretas. “A infelicidade do consumidor deriva do excesso, e não da falta de escolha. Será que utilizei os meios à minha disposição da melhor maneira possível? é a pergunta que mais assombra e causa insônia ao consumidor” (BAUMAN, 2000, p. 75)

Devido a esse sentimento constante de ansiedade, os indivíduos tendem a comprar desenfreadamente, experimentar desenfreadamente, afinal, os modos de vida ainda não testados se apresentam sempre como perfeitos, completos, apesar de que eles quase nunca se cumprem da maneira esperada e, quando se cumprem, rapidamente outro plano de vida se apresenta, outro produto é oferecido, substituindo o anterior.

Isso leva a um desejo constante de comprar, de testar outra vida, desejo esse que se transforma em vício e, portanto, não é mais nem percebido como tal, “O desejo se torna o seu próprio propósito, e o único propósito não-contestado e inquestionável.” (BAUMAN, 2000, p. 86).

Retornando à discussão sobre identidade, Bauman (2000) diz que elas funcionam de maneira que quando olhamos para identidades exteriores, de outras pessoas, elas aparentam serem completas e coesas, como em uma biografia. Mas o mesmo não acontece com nossas próprias identidades, que precisam sempre de reformulação, estão sempre em processo de mudança.

A busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme. Lutamos para negar, ou pelo menos encobrir, a terrível fluidez logo abaixo do fino envoltório da forma; tentamos desviar os olhos de vistas que eles não podem penetrar ou absorver. Mas as identidades, que não

tornam o fluxo mais lento e muito menos o detêm, são mais parecidas com crostas que vez por outra endurecem sobre a lava vulcânica e que se fundem e dissolvem novamente antes de dar tempo de esfriar e fixar-se. (BAUMAN, 2000, p. 97)

Essa reformulação constante é o que tenta-se fazer através do consumo, motivado pelo desejo. Isso acontece constantemente no mundo da Moda, ter a impressão de que tudo relacionado ao exterior, isto é, não a si mesmo é muito mais coeso e autêntico do que sua própria imagem.

5.2 A MODA

De acordo com Stefani (2005), a palavra 'moda' teve origem no latim '*modus*', que significa 'modo', 'maneira', a maneira pela qual as pessoas se vestem. Já para Frings (2012), a moda é um reflexo das forças sociais, políticas, econômicas e artísticas de um determinado período.

Nos dias atuais, acabou por ganhar diversas interpretações, uma diferente da outra, cada pessoa e cada grupo tem seu próprio conceito de moda. Para Stefani (2005), moda não é apenas o simples ato de se vestir, fazendo contraponto ao senso comum, ela é um conjunto de informações que orientam costumes e comportamentos que variam no tempo e na sociedade.

Um dos pontos relevantes na discussão de quando foi o real surgimento da moda, é o 'individualismo'.

Individualismo quer dizer autonomia dos sujeitos em suas formas de pensar e agir. Para o comportamento, o individualismo é resultante da busca por autoconhecimento e da independência do sujeito em relação ao outro - sociedade, instituições, etc. - para valorar ou legitimar escolhas individuais. (CALDAS, 2016)

Crane (2011) aponta que o termo 'moda' em particular, quando aplicado ao vestuário, refere-se a um fenômeno que é novo, mas que foi rápido e amplamente aceito. A autora atribui ainda algumas características ao conceito, diz que moda é ditatorial e identitária. Faz parte de uma identificação individual através das roupas, para muitos a moda é vista como processo de autoafirmação, a consolidação da personalidade através da mesma.

Com essa duas características atribuídas a moda, pela mesma, podemos

trabalhar com ambos os conceitos separadamente. A palavra identitária quando faz menção a moda, é algo relacionado a busca pela própria identidade de um grupo, ou de um indivíduo usando as roupas, sapatos e acessórios como ferramentas acessíveis para demonstração dessa personalidade própria. Quando colocamos a moda como algo ditatorial, nos referimos a ela, como algo que impõe diretamente ou não, certos limites e certas regras.

Uma marca renomada de roupas ou acessórios da atualidade, após atingir certo patamar de influência na grande massa, começa o processo ditatorial, pois com tanta visibilidade, e certo controle, as grandes marcas começam a 'lançar tendências' e até mesmo a impor certos padrões, tipos de cabelo que estarão em alta nesta estação, de roupas e acessórios, visto que alguém produz, determina modelos, conseqüentemente há alguém que consome, e adota isto em sua rotina.

Neste ponto podemos perceber a moda como um comportamento social pré-determinado e que está em constante mudança.

Moda enquanto processo é quando novos estilos são criados, introduzidos para o consumo público e se tornam popularmente aceitos por este público, sendo assim, moda é um comportamento que é temporariamente adotado por uma parte dos membros de um grupo social como socialmente apropriado para o tempo e a situação. (SPROLES, 1979 *apud* MIRANDA, 2008, p. 16)

A moda como forma de narcisismo, ou como a própria cultura do narcisismo é outro ponto a ser discutido. Para compreendermos esta relação, devemos ter em mente primeiro, a definição deste conceito. O termo narcisismo é originado de um mito grego, no qual um homem muito belo chamado Narciso, apaixonou-se pelo seu próprio reflexo e morreu afogado ao tentar juntar-se à sua imagem espelhada na água. Ou seja, o narcisismo consiste no amor e adoração a si mesmo.

De acordo com Maria Laurinda Ribeiro de Souza [20--], para a psicanálise, o narcisismo é importante para a formação de um indivíduo, pois é ele que sustenta a autoestima. Lasch (1983 *apud* MELLO, 2014) atribui 3 principais características para a chamada cultura do narcisismo, são elas: a perda de privacidade, pois cada vez mais adquirimos o hábito de compartilhar e expor absolutamente tudo de relevante em nosso cotidiano; o individualismo, como única e principal preocupação com o 'eu', e o grande cuidado com o presente, com a simples ideia de viver o agora, e não se importar com o amanhã.

Porém, há um certo contraste, já que o narcisista precisa do outro para validar seu valor, ele não sabe viver sua rotina sem alguém para lhe admirar. Essa constante aprovação do outro, reflete em um imenso vazio interior, visto que todas as suas ações são para o outro, e não para si mesmo. (LASCH, 1983 *apud* MELLO, 2014) A moda em questão entra como uma forma de autoexpressão, para demonstrar novamente para o outro, quem eu sou e o que eu busco, pois ela lhe dá a possibilidade e a liberdade até certo limite de ser quem você quiser ser, mas dentro das 'fôrmas' pré definidas.

A grande valorização do agora, teria a forte conexão com seguir o que há de novo e relevante no mundo das passarelas. Podemos então dizer que a moda está diretamente relacionada com o prazer de ser visto, de exhibir-se. Encoraja-nos a buscar a elegância e a beleza, sendo um "instrumento de valorização da vaidade humana." (NUNES, 2004 p. 32).

A moda como instrumento mutável, tanto em decorrência das mudanças sobre as influências que ela carrega, tanto quanto pelo próprio pensamento do seu portador, ambos se encontram interligados e subordinados a sofrer as alterações do ponto em fundamental comum aqui, o próprio tempo.

5.2.1 Moda e aparência através do tempo

Ao longo do tempo, o ser humano acabou percebendo que o fato de estar nu acabava acarretando em consequências desagradáveis, como a perda repentina de temperatura corporal em dias frios, e a falta de proteção contra animais de pequeno porte e insetos. Além disso, de tempos em tempos nossa espécie acaba possuindo cada vez mais um sentimento do qual a fazia ter a vontade de se vestir, de se cobrir. Esse sentimento é denominado pudor.

Segundo Pezollo (2009), a maneira de se vestir expressa o modo de vida e a cultura, como nos povos da Antiguidade onde o modo de se vestir era símbolo de posição social ostentando riquezas ou ainda sendo usado como modo de sedução. A moda passou a existir efetivamente quando o homem se conscientizou de que no mundo a aparência têm seu papel fundamental.

Com a produção em larga escala, o número de pessoas que desejavam vestir certas roupas e, mesmo que indiretamente, comunicar-se através delas, aumentava

muito rapidamente, não só por vontade individual, mas pela influência que se criava pela sociedade.

Portanto, tendo em vista que a imagem do outro sobre nós possui forte importância tanto em nosso convívio como sociedade, abrangendo todas as faixas etárias, como em nossa própria aceitação perante ao outro, chegamos ao ponto onde surge a preocupação de como transmitimos determinada imagem ou idéia para o exterior, seja em função da personalidade ou até então propagando nossas intenções através do que então denominamos de estilo.

5.2.2 O Estilo e a Comunicação através das roupas

O fenômeno do estilo possibilita uma nova maneira de se expressar, de ver e interpretar o vestuário, isto é, roupas expressam a personalidade, e podem ser vistas como meio de informação. É possível afirmar que a roupa dialoga com a sociedade, ecoando as preferências de quem a veste, revelando sua sensibilidade e maneira de pensar (PEZZOLO, 2009 p. 34)

Então estabelecemos o estilo sob duas perspectivas, a do senso comum a qual diz que o mesmo é diretamente conectado com as escolhas do próprio indivíduo sob o que portar, igualmente associado com as tendências atuais presentes em eventos de moda inerente a aura de nomes solidificados do ramo , ou seja, seriam suas escolhas pessoais influenciadas por aquilo que no momento está comum ao todo, o que mais está sendo consumido. Dentro de nosso contexto, as tendências do vestuário, estilo também pode ser ainda sob a mesma lente de ótica, um conjunto de elementos estéticos e visuais que te destacam de outras pessoas.

Pareyson (1993) determina estilo como 'modo de formar', um modo próprio, irrepitível, e personalíssimo do próprio autor da obra, em nosso caso, o próprio portador do estilo. Ele ainda afirma que apesar do estilo ser irrepitível, personalíssimo, é também o 'modo próprio' que cria vínculos com outros estilos diferentes através dos séculos, portanto um estilo é mutável ao tempo, de acordo com as influências que ele carrega, entretanto um estilo x pode ser sim o criador de um novo estilo, ele pode ser influente assim como é influenciado.

De acordo com Monteiro (2009) quando adquirimos uma determinada peça de roupa não estamos apenas comprando pedaços de tecidos costurados ou bordados, percebemo-nos obtendo nosso próprio reflexo do que somos e/ou do que queremos demonstrar para o outro, assim como um desejo, do que gostaríamos de ser e transparecer através do nosso estilo; isto posto asseguramos que não compramos apenas a roupa propriamente dita, nos apropriamos da imagem que ela passa.

Como afirma Dios (2009) a roupa como comunicação surge quando nomeamos certos estilos de roupas para determinadas ocasiões, como exemplo temos a 'roupa social', ela geralmente é usada em escritórios ou ainda ocasiões formais por indivíduos que querem transparecer a idéia de profissionalismo e seriedade perante tal situação. A vista disso retomamos a afirmação de Monteiro (2009), a qual diz que quando usamos ou compramos determinada peça de roupa estamos adquirindo e portanto a imagem que desejamos transmitir através dela.

Portanto estilo tanto em sua essência quanto como forma de comunicação, padroniza e categoriza o outro e a nós mesmos de forma que assumimos certos papéis e nos encaixamos em determinados grupos, as chamadas tribos sociais.

5.2.3 As tribos sociais e suas relações com a moda

A ideia apresentada anteriormente de que a roupa possui a função de comunicar ou expressar algo para alguém ou para certo grupo é um fato. Logo, as diferenças entre Tribos Sociais podem ser compreendidas como o fato de uma tribo sentir-se na necessidade de se comunicar com outra através da roupa. Com isso, cada tribo possui seu "jeito de se comunicar" através do modo ou do estilo de roupa que vestem.

Segundo Malcolm Barnard (2003), a moda tem uma relação quase que necessária com as tribos sociais pois, segundo Simmel (1971 *apud* BARNARD, 2003 p. 28) "A moda é gerada pelo conflito entre a 'adaptação à sociedade e o afastamento individual de suas exigências'", ou seja, a moda surge a partir de vontades individuais de certos grupos ou tribos sociais em relação à própria

sociedade, como por exemplo, os nerds¹, os rastafáris², entre muitos outros, levando também a entender que uma sociedade formada de apenas um grupo ou tribo social, conseqüentemente, não possui moda.

A indumentária das tribos sociais, ou seja, a vestimenta do dia a dia de certo grupo, povo ou, nesse caso, tribo, varia bastante. Há, portanto, uma comunicação entre tribos através da própria indumentária, mas que pode variar de acordo com a interpretação (BARNARD, 2003. p . 109 - 110)

De acordo com Barnard (2003) o estilista impõe o significado ou expressão de cada peça de roupa, porém, de acordo com suas crenças, seus sentimentos, seus pensamentos e seus desejos. Isso acaba fazendo com que o “sistema de comunicação” através da indumentária se torne complexo, afinal, cada povo, cada tribo e cada sociedade possui interpretações diferentes entre si sobre determinada vestimenta, o que faz surgir o preconceito diante da maneira de se vestir. De acordo com ele:

Perguntar-se-á, retoricamente, “Se o estilista não sabe o que queria dizer ao criar tal roupa, então quem o saberá”? Essa é a idéia de que o significado é um produto das intenções do estilista, quando intenções são definidas como pensamentos, sentimentos, crenças e desejos de uma pessoa no que concerne ao mundo e ao que nele se insere. Assim, esses pensamentos, sentimentos, crenças e desejos que o estilista tem são de alguma forma expressos ou refletidos na roupa/*ensemble* que produz. (BARNARD, 2003. p. 111)

Podemos citar vários exemplos do cotidiano que exibem tal diversidade, como por exemplo: Surfistas, com roupas leves como bermudas, saias e roupas apropriadas para a prática desportiva; Esqueitistas, com calças largas, tênis esportivos e bonés; Hippies, com suas roupas coloridas e informais, e sapatos com solas muito altas; Punks, com suas calças rasgadas normalmente justas, camisas de bandas musicais, pulseiras e correntes metálicas; Emos, com suas roupas escuras e

1 O termo “Nerd” descreve, muitas vezes, a alguém que apresenta capacidades intelectuais altas, consideradas anormais para sua idade. Um “Nerd” não necessariamente, é esperto, mas o próprio é estereotipado, por vezes, é visto como uma “Pessoa de difícil integração à vida social ou em comunidade” em razão de não mostrar interesse em atividades populares (LIMA, 2008).

2 Segundo Ferreira (2018) o movimento rastafári iniciou-se na Jamaica em 1930. Criado por negros descendentes de escravos, valoriza a África e a natureza, e fala a respeito de questões raciais e a resistência do povo negro. Usam cores como o vermelho, que representa o sangue e o martírio; o amarelo, que simboliza a riqueza e prosperidade; o verde, que significa a natureza, e o preto, que representa o povo.

seus tênis coloridos; entre muitos outros. Em todos esses casos, as tribos apresentam certa “comunicação” através da indumentária.

Porém, segundo Oliveira et.al (2003), a relação de um adolescente com a tribo não é tão fiel como a de um contrato, a rotatividade entre as tribos é mais comum do que se imagina. A explicação disso, pode ser as constantes crises destas fases da vida.

Uma possibilidade é que a identidade definida a partir da imagem visual sirva de apoio ao adolescente numa fase do desenvolvimento em que sua imagem de si encontra-se em rápida mudança e crise. (OLIVEIRA, et al. 2003, p. 6)

É importante destacar, ainda, que os símbolos adotados por um indivíduo, embora pertençam a determinada tribo social, nem sempre carregam todos os significados e valores daquela tribo, pois esses símbolos frequentemente saem do convívio interno do grupo, sendo apropriados pela moda geral e pela mídia (PITOMBO, 2001 *apud* OLIVEIRA, et al. 2003)

5.3 INDUMENTÁRIA

Indumentária pode ser definida como “arte do vestuário, conjunto do vestuário de determinada época, roupa, traje” (BORSETTI, 2005 p. 436).

5.3.1 Roupas, comunicação e a expressão do indivíduo

Autoconceito é a ideia que um indivíduo tem sobre ele mesmo, “parte da identidade do sujeito em que estão guardados os conceitos, os julgamentos, as ideias e as representações, que ele faz acerca de si” (AUTOCONCEITO, 2019), para demonstrá-lo, utilizamos a auto expressão, substantivo feminino que significa “Manifestação do pensamento, da vontade ou do sentimento da própria pessoa; .ato de se exprimir.” (AUTO EXPRESSÃO, 2019), em poucas palavras, é a expressão de si mesmo.

A roupa, como uma espécie de nossa representação, é o meio pela qual nos apresentamos, nosso instrumento de auto expressão (RIBEIRO, 2011). Dessa forma, Garcia e Miranda (2007) ressaltam que quem motiva o consumo das roupas, é a imagem que temos de nós mesmos, mais conhecida como autoconceito. Este pensamento, é dividido em três partes: o real, o ideal e o social.

O autoconceito real, trata-se da imagem que o indivíduo constrói de si mesmo; é a forma que este se vê, que o auxilia a escolher as roupas que vestirá. Entretanto, o ideal é a concepção de como o sujeito gostaria de ser visto; este é moldado pelas influências recebidas, como a influência exercida pela mídia. Por fim, o autoconceito social, é definido pela forma em que a pessoa apresenta-se a partir da percepção dos demais sobre ela mesma (GARCIA, MIRANDA, 2007. p. 29).

Portanto, o nosso papel e imagem perante a sociedade é, de certa forma, definido pelas roupas que usamos. “A maneira como cobre seu corpo, enfim, funciona como uma espécie de escrita que vai registrando quem esse indivíduo é e como vive sua vida” (GARCIA, MIRANDA, 2007 p. 30).

Quando o consumidor vai em busca de adquirir uma nova peça, ele não está apenas buscando um objeto útil, mas sim buscando a mensagem que ele poderá transmitir com ela. (MONTEIRO,1999) Mensagem essa que só existe pois roupas são portadoras de significados, funcionando como um diálogo entre os indivíduos sem que seja proferida uma palavra; visto que fazemos leituras do próximo apenas

pela indumentária que este utiliza (RIBEIRO, 2011).

Quando observamos, vocábulos não são proferidos, portanto, todas as informações são preservadas no subconsciente, criando um diálogo imagético (CAMARGO, 2009 *apud* RIBEIRO, 20011); sendo os dados que obtemos a respeito dessa pessoa apenas por sua aparência, a primeira impressão que temos dela.

Maria De Fátima Moura Ribeiro (2011) aponta que o vestuário nos envia mensagens durante todo o processo de socialização, ele nos indica os gostos, preferências ou até o pertencimento a determinados grupos, como o acadêmico, pelo uniforme que o outro utiliza. É pela aparência que mostramos ao outro, traços da nossa identidade. (QUINTELA, 2011)

Porém, a roupa também tem o poder de camuflar o que somos, mostrando apenas o que queremos ser, como por exemplo, para sermos aceitos em algum determinado grupo; assim como Garcia e Miranda (2007) afirmam quando dizem que buscamos adquirir roupas que traduzam como gostaríamos de ser notados.

[...] esta corrida conformista à imitação transformou a indumentária num instrumento de manipulação, onde o indivíduo esconde e camufla criando, muitas vezes, uma falsificação do eu. No fundo, o homem moderno brinca com o vestuário com o intuito de iludir a imagem que o outro poderá ter de nós; (RIBEIRO, 2011)

Monteiro (1999) afirma que a roupa sempre foi levada como uma marca da separação da sociedade em castas e classes, servindo para distinguir a classe social que o indivíduo pertence, carregando assim todo o significado do papel do indivíduo na sociedade.

[...] A roupa sempre representou um traço da individualidade. É uma forma de a pessoa demonstrar que é única, que pode se diferir das outras em função do que usa. Através dos tempos, o traje carregou essa representação de classe, de casta social: É como se a pessoa dissesse: eu pertencço à determinada classe. [...] (MONTEIRO, 1999, p.02)

Atualmente, a roupa já não serve mais tanto para diferenciar as classes sociais, mas sim identificar a qual grupo social o indivíduo pertence. A representação desses papéis é caracterizada pelo modo em que o indivíduo se veste, porém não há garantia que esse uso da roupa que é considerada da “moda” vá definir se a personalidade de quem a usa está de acordo com o papel que a pessoa representa ao usar determinada roupa. (MONTEIRO, 1999)

Por exemplo a roupa considerada "elegante" é associada às classes mais ricas, educadas e finas, e a roupa mais simples representa um cidadão mais simples, menos educado, e com menos dinheiro. Mas isso não é necessariamente verdade, porque por muitas vezes algumas pessoas podem se vestir de forma mais elegante, mas isso não os torna mais ricos ou mais educados. (MONTEIRO, 1999)

Sendo assim, o ato de vestir-se deixa de ser apenas cobrir seu corpo com pedaços de pano e se transforma numa construção da própria identidade, utilizando as vestes como instrumento de expressão e buscando transmitir ao outro, uma mensagem – visto que a roupa é uma ferramenta de comunicação como qualquer outra.

5.3.2 As marcas

Além de diferenciar-se umas das outras as marcas servem, principalmente, para criar e comunicar significados, tanto para quem as utiliza quanto para a sociedade de um modo geral, tal que os produtos passam a ter personalidade quando lhes é atribuído uma marca.

Segundo Miranda (2008, p. 46 *apud* BARTHES, 1981), “para que haja um consumo antes do desgaste, se faz necessário um imaginário constituído para despertar o desejo: não é o objeto, é o nome que o faz desejar; não é o sonho, é o símbolo que o faz vender”. Ou seja, ao consumir um produto de marca, o consumidor está, na verdade, pagando por um desejo, atribuído a um significado. Na maioria dos casos, este desejo é despertado pelas propagandas, que oferecem vantagens das quais o consumidor é desprovido, através de símbolos que são imprescindíveis para a “construção e manutenção da identidade”. Por diversas vezes, as propagandas não apresentam escritas, permitindo assim, que o consumidor intérprete-as da maneira que ele desejar.

Miranda (2008, p. 47) avança, citando a teoria da auto congruência proposta por Sirgy (1982), que os consumidores possuem uma imagem de si mesmos e através desta, buscam consumir produtos de marcas com as quais se identificam. Com semelhante ideia, Elliot (2004) elucida que “o consumo é elemento da prática da identidade, por ser fonte da ação social e interpretações compartilhadas”. (p. 47). Portanto, podemos afirmar que o consumo de marcas, é realizado pela necessidade

de um indivíduo de consumir objetos que apresentam símbolos, e por meio destes, identificar-se em meio a sociedade na qual está inserido.

Nos estudos de Miranda (2008), partindo-se do pressuposto de que “os consumidores percebem os produtos como portadores de imagens”, é possível fazer uma analogia, utilizando o culto às marcas como uma ideia contemporânea de culto aos deuses. Por exemplo, aqueles que cultuavam a deusa Afrodite (amor e beleza), eram ou desejavam ser bem sucedidos tanto no amor quanto na beleza. Dada a relação entre deuses e marcas, a autora conclui que as marcas são o “mito no contemporâneo”, pois há apenas uma troca de referencial. Ela ainda destaca, baseado nos estudos de Greimas (1976):

(...) as marcas são como a mitologia da sociedade contemporânea. As marcas contam histórias. Consumidores interpretam imagem associadas com produtos ou marcas, que são altamente influenciadas por estereótipos generalizados do tipo de usuário desse produto. (p. 48).

Nas considerações de Miranda (2008), as marcas apresentam tanto um aspecto funcional quanto um simbólico, onde o funcional tem como objetivo “satisfazer aspectos práticos de necessidade imediata”, enquanto o intuito do simbólico é “satisfazer necessidades simbólicas como auto-expressão e prestígio”. Destacando o aspecto simbólico da marca, a autora propõe que a maneira com que o indivíduo consome determinados produtos tem como objetivo “realçar o seu autoconceito, como o indivíduo se percebe no consumo de bens como símbolo do eu” (p. 49), sendo assim, o símbolo é que determinará qual produto deve ser consumido, baseado no significado que ele carrega e na visão da sociedade em relação a marca que será consumida.

Segundo Miranda (2008), por meio do consumo, não só de roupas, os indivíduos têm a oportunidade de identificar “quem eles são (e quem eles não são) e o que eles representam (ou o que eles não representam)” (p. 49). Sendo as roupas o nosso mais visível meio de comunicação, é evidente que estas apresentam um “alto envolvimento simbólico” pois estamos sendo constantemente avaliados por meio delas. A autora também ressalta que “todo objeto comercial tem caráter simbólico: o ato de comprar envolve a avaliação do seu simbolismo, para decidir se é ou não adequado ao seu comprador”. (p. 50).

Nos estudos de Miranda (2008), as marcas possuem três propriedades que as tornam “essenciais para o consumo simbólico”, sendo elas: visibilidade, variação no uso e personificação. A autora esclarece dando como exemplo que “ao escolher uma roupa pode-se escolher entre vários estilos (variabilidade), que podem comunicar diferentes mensagens que serão entendidas como expressão do eu (personalização) por todos que a virem (visibilidade)” (p. 50).

Sobre a relação entre status e indumentária, Barnard (2003) destaca que a indumentária é utilizada para indicar o status, e que “as pessoas emitem comumente julgamentos a respeito da importância e do status das outras com base no que estão vestindo” (p. 94). Em relação importância econômica e o status resultante da indumentária, Barnard (2003) sugere a existência de um “status econômico”, onde este diz respeito a posição de um indivíduo dentro de uma economia. Para melhor compreensão, o autor diz que: “Moda e indumentária podem refletir, é verdade, o tipo de organização econômica em que uma pessoa vive, assim como o seu status no interior daquela economia.” (p. 98).

Desta forma, é possível concluir que o consumo de produtos de marca se dá através do desejo de expressar algo através de símbolos. Também foi possível atribuir o uso de roupas de marca com o status econômico de determinado indivíduo, na busca pela ascensão entre classes. As marcas como instrumento de comunicação, estão quase sempre ligadas com o desejo de ser ou de comunicar aos outros o fato do indivíduo pertencer a uma classe mais abastada, pois estas estão repletas de símbolos que fazem com o indivíduo que as utiliza seja prestigiado.

5.3.3 O Uniforme

Uniforme pode-se entender como um vestuário padronizado de uma corporação, neste caso, de uma instituição escolar, que busca tornar quem o usa, semelhante (CORAZZA, 2004 *apud* MARCON 2010). Umberto Eco (1989 *apud* RIBEIRO e SILVA, 2012) refere-se ao uniforme como instrumento de comunicação, devendo ser analisado como ferramenta produzida para transmitir mensagens, “a noção de comunicabilidade do vestuário está inserida no quadro de uma vida em sociedade onde tudo é comunicação.” (ECO, 1989 *apud* RIBEIRO e SILVA, 2012). Malcolm Barnard (2003), afirma que através das cores, símbolos e modelo do uniforme escolar, a instituição tenta comunicar ao mundo externo, os valores que deseja expor, fazendo quem o usa, pertencente a um determinado grupo social, cultural e principalmente intelectual (MARCON, 2010).

Os uniformes ou fardas sempre tiveram ao longo da História da Humanidade, o objetivo de marcar a identidade [...] de grupos, categorias, tribos, associações, clubes, agremiações, times, classes sociais, estudantes de determinada escola. (LONZA, 2005, p. 17 *apud* MARCON, 2010).

Com a democratização do ensino no Brasil por volta do século XX, o uniforme tornou-se obrigatório, partindo da premissa de que, com seu uso, o contraste entre ricos e pobres seria diminuído, carregando a imagem de que a educação no país era a mesma, independente de seu poder aquisitivo (DUSSEL, 2005 *apud* RIBEIRO e SILVA, 2012). Porém essa ideia não correspondia ao que era visto, os alunos mais abastados, conseguiam comprar a vestimenta sem grandes constrangimentos, enquanto os necessitados, além de receberem auxílio para a aquisição, muitas vezes não utilizavam sequer calçados (HOELLER, 2009 *apud* RIBEIRO E SILVA, 2012).

Assim, ao mesmo tempo que o uniforme procura a generalização, tornando os membros desse grupo intelectual que é a instituição de ensino, “iguais” por suas roupas, também discrimina, quando comparado ao uniforme de outras instituições; comunicando a comunidade externa e interna, traços que a escola carrega.

6 METODOLOGIA

Durante o desenvolvimento da pesquisa os fundamentos teóricos foram

revisados, dando continuidade às leituras de textos já publicados relacionados a temas de identidade, indumentária e adolescência, que foram utilizados como referência para a qualificação dos dados e revisão bibliográfica.

O método de aplicação usado no projeto foi qualitativo, por meio de observações e análises das respostas dadas durante as entrevistas. Segundo Duarte (2002), a pesquisa qualitativa não se atenta com representatividade numérica, mas, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização, pois as hipóteses formuladas necessitavam das experiências pessoais dos membros do grupo alvo para serem verificadas.

Uma das metodologias utilizadas na presente pesquisa foi a Observação Participante, na qual os pesquisadores estão inseridos no grupo alvo do estudo, por tratarem-se dos alunos dos cursos integrados do IFSC Câmpus Jaraguá do Sul - Centro. A observação participante mostrou-se adequada pois este método possibilita ao investigador obter maior conhecimento sobre o objeto de estudo, já que encontra-se inserido no grupo a ser analisado.

[...] recorre-se à Observação Participante com o propósito de elaborar, após cada sessão de observação, descrições “qualitativas”, de tipo “narrativo” [...], que permitem obter informação relevante para a investigação em causa. (MÓNICO, et al. 2017 p. 726)

Com base na metodologia escolhida, os procedimentos partiram para entrevistas semi-estruturadas. Os entrevistados foram escolhidos a partir de critérios que buscavam testar as hipóteses e cumprir os objetivos da pesquisa:

- O uso diário do uniforme, estabelecido buscando entender o motivo pelo qual o uso do uniforme é tão recorrente por parte dos alunos, apesar de não ser obrigatório.

- O uso de roupas de marcas famosas e caras – como *Adidas*, *Nike*, *Gucci*, *Supreme*, entre outras –, que relaciona-se com a hipótese “O preço ou a marca de uma roupa pode revelar nossa classe social e nos posicionar na sociedade perante os outros” e aos objetivos “Destacar o caráter simbólico da roupa como forma de identificação social e instrumento de auto expressão” e “Identificar como as roupas de uma pessoa podem defini-la em meio à sociedade de forma errônea”.

- O uso de roupas fora do padrão comum, que é coerente aos objetivos acima citados e às hipóteses “O estilo das roupas pode dividir os indivíduos em “tribos

sociais”, ou seja, grupos com gostos em comum, cercando, de certa forma, as relações interpessoais” e “A roupa que uma pessoa utiliza no seu dia a dia pode trazer visões e opiniões errôneas sobre sua personalidade”.

- O uso de roupas dentro do padrão comum, e este padrão comum corresponde ao tipo de roupa que comumente encontramos, como calças *jeans*, camisetas de malha e casacos de moletom. Esse critério está conectado à hipótese “Alguns alunos do IFSC, por pressão social, se vestem com roupas que não gostam ou que não se sentem confortáveis somente para se inserirem no meio de convívio social” e aos objetivos já citados.

Com os critérios já definidos, foi elaborado um roteiro padrão para as entrevistas, que continha dezoito perguntas que serviriam de base para as entrevistas, mas essa quantidade poderia ser alterada durante as entrevistas de acordo com as respostas dos entrevistados.

Em seguida, foram realizadas as observações nos horários de socialização dos alunos, tanto no período matutino quanto no período vespertino para que fossem selecionados os entrevistados. Inicialmente, vários estudantes atendiam aos critérios pré-estabelecidos, porém a realização de tantas entrevistas não era possível, então, reduziu-se o número de entrevistados para quinze.

Após a realização das entrevistas, foi analisado o conteúdo obtido, interpretando os dados coletados pelos depoimentos buscando compreendê-los. As partes das entrevistas que foram julgadas pertinentes para atingir-se os objetivos foram citadas nesta pesquisa classificando os entrevistados por números, de acordo com a ordem que as entrevistas foram feitas, respeitando, assim, o TCLE (Termo de Compromisso Livre e Esclarecido). As entrevistas que não foram citadas durante as discussões do presente relatório constam do apêndice, juntamente com as outras.

Após isso, foram realizadas novas observações para que pudesse-se aprofundar as análises comparando a maneira com que os entrevistados se relacionam no câmpus e as respostas dadas anteriormente nas entrevistas.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao procurar entender o porquê do uso do uniforme pelos os alunos do IFSC Câmpus Jaraguá do Sul - Centro, pois sua utilização não é obrigatória, pode-se chegar a algumas possíveis explicações para esse fenômeno. Uma resposta comum no decorrer da pesquisa foi a de que o uniforme seria útil para evitar o gasto das outras roupas, dito, por exemplo, pelo entrevistado 6 e pelo entrevistado 14 “assim eu não tenho tanto trabalho pra escolher que tipo de roupa eu vou usar hoje, assim eu só pego a roupa de uniforme e evito gastar as outras” (ENTREVISTADO 14).

O entrevistado 15, que também falou sobre o gasto de outras roupas, justificou, ainda, o uso do uniforme fazendo uma comparação entre o uniforme e “roupas diferentes”, que poderiam ser usadas para “se achar”. Para exemplificar o que seria uma “roupa diferente”, ele citou a marca *Gucci*, visando se referir a roupas de marcas caras como um todo.

Às vezes a pessoa pode vir com uma roupa diferente com o intuito de se achar [como] essas roupas bem caras, tipo Gucci, pra mostrar que pode comprar coisa desse tipo, não tenho nada contra, porque no caso eu acho uma roupa bonita e *fais*, mas eu não usaria na escola porque não convém, não é um ambiente pra isso, eu acho.

A partir dessa resposta, é possível declarar que, para o entrevistado, a escola é um ambiente que requer uma certa postura, a qual deve ser expressa, inclusive, por meio da indumentária. O entrevistado 6, também, falou sobre essa postura do ambiente escolar ao ser questionado se já havia julgado alguém pelas roupas:

Muitas vezes eu vejo alguém vestido na escola, por exemplo, com uma roupa inapropriada para o recinto, uma pessoa que está com um decote muito acentuado, com um shorts muito curto, eu acho que [...] tem a ver com pudor e respeito.

Com isso em mente retoma-se a afirmação de Monteiro (1999), a qual diz que quando usamos ou compramos determinada peça de roupa estamos adquirindo e portando a imagem que desejamos transmitir através dela.

Além disso, o entrevistado 15 também comentou sobre função que o uniforme tem de identificar o estudante fora do câmpus, mostrando para as pessoas de fora que ele estuda no IFSC. Para ele, isso passa uma imagem boa para o aluno, pois é

um colégio de qualidade, e pode fazer bem para o próprio Instituto devido à divulgação feita.

Inês Dussel (2005 *apud* RIBEIRO e SILVA, 2012) afirma que os uniformes eram elementos de padronização, ideia que foi bastante repetida pelos entrevistados, pois disseram que o uniforme identifica os alunos, deixando as diferenças, especialmente as financeiras, menos aparentes.

“O que você acha das pessoas que usam uniforme no ifsc?”
Normal, é o uniforme da escola, um meio de identificação e também de "regularização" entre os alunos. (ENTREVISTADO 3)

Eu particularmente gosto [do uso do uniforme não ser obrigatório no IFSC], mas eu entendo o ponto das pessoas que discordam, que acham que isso pode mostrar uma diferença de classes sociais entre pessoas que usam roupas de marcas e pessoas que usam roupas de segunda mão. (ENTREVISTADO 9)

Mas será que as roupas realmente podem evidenciar as desigualdades financeiras do ambiente escolar? O entrevistado 9 acredita que não, “talvez a pessoa só queira economizar o dinheiro dela”, e o entrevistado 5 concorda com isso: “Eu acho que não, porque às vezes há pessoas que não têm tanta condição financeira, mas usam roupas de marca e andam sempre arrumadas, assim como há pessoas que têm condição mas não esbanjam tanto.”

No entanto, o entrevistado 9 reconhece que, apesar de não ser possível fazer uma análise precisa, “é difícil não julgar alguém, olhar pela roupa e não pensar que ela seja de determinada classe”, já o entrevistado 5 não deixa isso explícito, mas demonstra que também faz julgamentos nesse sentido: “[quando eu vejo uma pessoa com roupa de marca eu penso] que ela é rica, né?”. Com isso, observa-se que os alunos são julgados e também julgam pela roupa que se veste.

Por meio dessas e de outras respostas, é possível fazer uma relação com o que Barnard (2003) chama de “status econômico”, em que é possível identificar a qual classe determinado indivíduo pertence através das suas roupas, portanto, pode-se corroborar a hipótese inicial, que propõe que as roupas são capazes demonstrar a classe social de um aluno. Pois, apesar de esses julgamentos não refletirem a real condição financeira dos estudantes, eles estão presentes de qualquer forma, com ou sem intenção.

Fato que conecta-se com outras narrativas dos discentes, os quais afirmaram já terem recebido julgamentos sobre suas vestes que não correspondiam necessariamente a real intenção de mensagem que gostariam de enviar com suas roupas, pois como afirma Ribeiro (2011), a indumentária nos envia informações a respeito do outro a todo momento.

Por exemplo, o entrevistado 2, o qual relatou que frequentemente era chamado de “mesquinho” por usar tênis de determinada marca, pois a mesma era cara. Ou o entrevistado 7, que relatou sobre uma situação constrangedora causada por esses julgamentos:

Sim, [eu já sofri julgamentos pelas minhas roupas,] eu fui em uma festa, eu coloquei um vestido e pelo tamanho dos meus seios o vestido ficou muito decotado, e daí as pessoas me olhavam torto, eu imagino que elas achavam que eu era oferecida por causa do decote e foi péssimo, tanto que eu ficava jogando o cabelo na frente do decote. (ENTREVISTADO 7)

Logo, é possível relacionar as narrativas com a hipótese que afirma que a roupa que um sujeito utiliza pode trazer visões e opiniões errôneas sobre sua pessoa, visto que a verdadeira mensagem a ser transmitida ao usar aquelas vestes, não correspondia ao que os outros interpretaram, uma vez que como Monteiro (2009) afirma, quando compramos determinada peça de roupa, procuramos passar uma imagem para o exterior, mesmo que essa acabe sendo errônea.

Quintela (2011), afirma que os indivíduos podem utilizar a indumentária como ferramenta para serem incluídos em determinados grupos de referência, fato que é demonstrado quando questionamos os alunos se estes já utilizaram roupas específicas apenas para se inserirem no meio de convívio.

[...] quando eu era menor para ir na igreja eu sempre usava saia e nem sempre eu me sentia bem usando a saia, [...] com o tempo eu parei, eu comecei a usar as roupas que eu gostava geralmente tipo calça jeans, etc. porque era quem eu era, e eu de saia não. (ENTREVISTADO 7)

Os relatos vão desde pequenas peças que o indivíduo utilizava para incluir-se no círculo de amigos “já usei para me incluir em grupo de colegas, que hoje em dia a gente já não liga mais pra isso, mas na época eram os “rockeirinhos” e eu comprava camiseta do “Nirvana”, do “Guns” por causa disso” (ENTREVISTADO 10), até imitar roupas para parecer alguém que não se é.

[...] há mais ou menos uns dois anos atrás eu “deveria” parecer hétero, então eu comprava roupas que a maioria dos héteros usavam pois eu achava que aquilo me fazia parecer um hétero. (ENTREVISTADO 12)

Esses relatos, quando vistos sob a perspectiva de Bauman (2000), demonstram que a identidade pode, realmente, ser construída através do consumo. Em ambos os casos os estudantes “foram às compras”, utilizaram de bens de consumo (as roupas) para construir uma identidade nova, diferente da anterior, identidade essa que também não se estabeleceu permanentemente, pois identidade não pode ser fixa e coesa, ela está em constante mudança.

Em vista disso, pode-se considerar que alguns alunos do IFSC realmente utilizaram roupas que não os deixavam confortáveis apenas para se sentirem inseridos no meio de convívio social, meio esse que não se restringe apenas à escola.

Analisando essa consideração sob a perspectiva apresentada por Machado (2003) é possível afirmar que, no caso dos relatos apresentados durante as entrevistas, a roupa serviu como um meio de encontrar equilíbrio entre as identidades social e pessoal, o que, segundo Whetten e Godfrey (1998 apud MACHADO, 2003), resulta na construção e modificação da identidade de um indivíduo.

Por exemplo, o entrevistado 7 possuía uma identidade social relacionada à postura na igreja, e para equilibrá-la com a identidade pessoal, mudou a maneira com que se vestia, priorizando a identidade social. Depois, inverteu as prioridades, voltando a se vestir como preferia, para tentar buscar equilíbrio entre as duas.

A respeito das tribos sociais, vários entrevistados afirmaram que, sim, fazem parte de tribos sociais e complementam declarando que estas influenciam sim, no convívio entre os alunos. O entrevistado 3 justifica essa influência, usando-se como exemplo:

É que geralmente você vai gostar daquilo que corresponda ao teu estilo; exemplo quem gosta de kpop vai ver marcas asiáticas e se vierem falar comigo não saberei dizer nada. Agora se uma pessoa gosta de hip-hop, segue artistas desse meio e fala das marcas desse meio, vou saber e conversar com ela... criar um vínculo.

Outros alunos entretanto, consideram-se parte de várias tribos, pois usam peças de diferentes estilos no seu dia-a-dia, não limitando-se apenas a um determinado gosto.

Eu não sei dizer se eu faço parte de uma tribo social, eu não sigo só uma coisa. Acho que me encaixaria em várias diferentes. Mas eu posso dizer que sim, eu me sinto parte de várias tribos sociais. (ENTREVISTADO 10)

acho que eu não me encaixo muito em uma tribo só porque eu uso vários estilos, só que atrapalha um pouco porque a minha roupa padrão que eu mais utilizo é algo mais simples, então as pessoas da tribo social skatistas por exemplo, eles vão me olhar e achar que eu sou patricinha. (ENTREVISTADO 7)

O entrevistado 10 também ressalta que as roupas são portas de entrada para as tribos sociais, a partir delas seria possível a participação de um indivíduo.

É claro que o convívio social com outras pessoas nas tribos e fora delas influencia e a roupa que você usa muitas vezes também, para você ter o primeiro acesso a uma tribo social, às vezes é pela própria roupa. Como gostávamos de chamar, os “modinhas”, eles precisavam ter uma roupa da moda, hoje em dia seria algo da “Supreme”, então se determinado grupo estiver junto e alguém chegar querendo entrar e não tiver uma roupa no padrão deles, ela não vai conseguir.

Assim, pode-se observar a forma que no IFSC Câmpus Jaraguá do Sul - centro, as tribos sociais existem e atuam nas relações interpessoais fazendo com que os alunos interajam mais com os membros de sua própria tribo, como conta o entrevistado 9, “Eu tento me misturar com o máximo de pessoas possíveis, mas algumas vezes eu fico meio delimitado, preso a esse grupinho dos nerds” e o entrevistado 8 “Em relação ao convívio depende da tribo, por exemplo eu costumo não me relacionar tão bem com pessoas mais góticas porque eu sou mais otimista”.

Porém, as tribos não limitam os alunos a fazerem parte de um grupo só, por exemplo, os entrevistados 7, 10, 11 e 12 que afirmaram que fazem parte de mais de uma tribo social. “Algumas, me sinto parte da tribo dos rockeiros, das patricinhas, dos emos, e da comunidade LGBT.” (ENTREVISTADO 12)

Além disso, a influência que essas tribos sociais possuem não é forte o suficiente no Instituto para fazer com que seus membros se limitem a interações somente com outros membros do mesmo grupo.

Porém depende, já que saio com uma galera que tem um estilo meio metaleiro ao mesmo tempo que saio com uma galera um pouco “padrãozinho” e não sou tão influenciado pelos dois grupos.

(ENTREVISTADO 1)

Acho que não, porque tipo as pessoas que andam comigo não tem o mesmo estilo que eu, tipo a minha amiga gosta de rosa, e eu não, eu gosto de preto (ENTREVISTADO 14)

Isso pôde ser notado, também, a partir de observações participantes feitas após as entrevistas. Durante essas observações foi possível perceber que os alunos que, nas entrevistas, disseram fazer parte uma tribo social comumente interagem com outros entrevistados que afirmaram fazer parte de outras ou nenhuma tribo social. Esse mesmo resultado foi obtido na pesquisa de Oliveira et al. (2003), que concluiu que a relação dos adolescentes com as tribos não é definitiva e limitante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisa a maneira com que as roupas interferem nas relações entre os alunos dos cursos integrados do IFSC Câmpus Jaraguá do Sul - Centro e na construção de suas identidades.

Uma das dificuldades encontradas inicialmente foi a inexperiência dos pesquisadores com o método de entrevistas, o que fez com que os entrevistados respondessem de forma muito superficial, impossibilitando o aprofundamento no assunto. Portanto, algumas entrevistas tiveram que ser realizadas posteriormente para cobrir lacunas deixadas.

Em relação aos objetivos de pesquisa, o que trata de compreender a maneira com que as roupas posicionam alguém na sociedade foi cumprido, pois no decorrer do trabalho foi possível analisar que as roupas de um indivíduo podem fazer com que ele sofra julgamentos a respeito de sua condição financeira ou de sua personalidade e intenções, mesmo que esses julgamentos não sejam precisos.

A hipótese que fala a respeito das tribos sociais e as relações interpessoais dos alunos foi verificada e o objetivo que buscava compreender a maneira que as tribos sociais afetam a vida dos alunos foi concluído, pois os estudantes que pertenciam a determinados grupos comentam sobre sentirem-se limitados ao mesmo círculo de pessoas, já que relataram não conseguir manter um longo diálogo com sujeitos que possuem preferências muito diferentes. Portanto, as tribos sociais, de fato, possuem influência dentro do câmpus, mesmo que seja pequena.

A partir de tudo já descrito anteriormente, foi possível perceber que as roupas

influenciam, sim, na construção da identidade dos alunos, seja isso por consequência de algum grupo ou tribo social que carrega valores específicos e utiliza a roupa como porta de entrada; ou de maneira mais indireta, sofrendo julgamentos, sejam eles positivos ou negativos, que mudam a maneira com que o indivíduo é percebido por si mesmo e pelos outros, e os quais alteram, consequentemente, a identidade dos adolescentes em estudo.

Assim sendo, observamos que, de uma forma generalizada, os resultados da presente pesquisa foram em sua grande maioria bastante satisfatórios, devido ao fato de que, os objetivos propostos inicialmente no estudo foram consumados com êxito.

REFERÊNCIAS

AUTO EXPRESSÃO. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, 2008-2013. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/auto-express%C3%A3o>>. Acesso em 01 maio 2019.

AUTOCONCEITO. **Dicio, Dicionário Online de Português**, 2009-2019. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/autoconceito/>>. Acesso em 01 maio 2019.

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco LTDA, 2003. 267 p. v. 1.

BAUMAN, Zygmunt. Individualidade. *In*: BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2000.

BERLATTO, Odir. A Construção da Identidade Social. **Revista do Curso de Direito da Fsg**, Caxias do Sul, v. 5, n. 3, p.141-151, jun. 2009. Disponível em: <<http://ojs.fsg.br/index.php/direito/article/view/242/210>>. Acesso em: 29 maio 2018

BORSETTI, Fernando. **Minidicionário Larousse da língua portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005.

CALDAS, Dario. **Individualismo**. 2017. Disponível em: <<http://observatoriodesainais.com.br/odesblog/individualismo/>>. Acesso em: 30 maio 2018

CRANE, Diana. **Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

CUCHE, Denyz. **A noção de cultura nas ciencias sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002. 256 p.

DIOS, Maria Luisa Célia Escalona de. “Ter ou não ter estilo: eis a questão!” estudo etnográfico sobre a noção de estilo nas publicações de moda. **IARA - Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, p. 31 - 61, out/dez 2009. Disponível em: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/03_IARA_vol2_n2_Dossie.pdf. Acesso em: 13 maio 2019.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FERREIRA, Cíntia. **RASTAFÁRI: o que é, significados e curiosidades**. 2018. Disponível em: <<https://www.greenme.com.br/viver/costume-e-sociedade/6283-rastafari-significados-e-curiosidades>>. Acesso em: 29 maio 2018.

FRINGS, Gini Stephens. **Moda: do conceito ao consumidor**. 9. ed. Rio Grande do Sul: Bookman, 2012. 4 p.

GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula de. **Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos**. 2. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000

LIMA, Leandro Silva. **Nerds**. 1. 2008. Disponível em: <<http://penumbraarteurbana.blogspot.com/2008/11/nerds.html>>. Acesso em: 06 maio 2018.

MACHADO, Hilka Vier. A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, n. SPE, p. 51-73, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-6552003000500004>. Acesso em 26 maio 2018.

MARCON, Mônica D'andréa. **ASPECTOS HISTÓRICOS DO USO DOS UNIFORMES ESCOLARES: REFLEXÕES NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E DA MODA (1940-2000 Caxias do Sul)**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/512/Dissertacao%20Monica%20DAndrea%20Marcon.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

MELLO, Nádia. **Moda e Narcisismo na Cultura Contemporânea**.: comunicação apresentada ao 10º Colóquio de Moda. 2014. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio de Moda - 2014/POSTER/POSTER-EIXO3-CULTURA/PO-Eixo-3-Moda-e-Narcisismo-na-Cultura-Contemporanea.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2018.

MIRANDA, Ana Paula de. **Consumo de moda: a relação pessoa-objeto**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008

MONTEIRO, Gilson. A metalinguagem das roupas. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, ISSN: 1646-3137. São Paulo. p.167-181,1999. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/monteiro-gilson-roupas.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2018.

NUNES, Alexandre. **Moda, Mídia e Globalização**: Estudo de caso da difusão da moda na revista ELLE do Brasil e dos EUA. 2004. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/24/ALEXANDRE NUNES.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2018.

OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; CAMILO, Adriana Almeida; ASSUNCAO, Cristina Valadares. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 1, p. 61-75, jun. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2003000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 jun. 2019.

PAREYSON, Luigi. **Teoria da Formatividade**. São Paulo: Vozes, 1993.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Por dentro da moda: definições e experiências**. Brasil: Senac, 2009.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento. Disponível em:

<<https://josesilveira.com/wp-content/uploads/2018/07/Erikson-e-a-teoria-psicossocial-do-desenvolvimento.pdf>> Acesso no dia 24 de abril de 2019.

RIBEIRO, Ivanir; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Das materialidades da escola: o uniforme escolar. **Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 38, n. 03, p.575-588, jul./set., 2012. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4026046>>. Acesso em: 03 maio 2019.

RIBEIRO, Maria de Fátima Moura. **Comunicação não-verbal: A influência da indumentária e da gesticulação na credibilidade do comunicador**. 2011. 44 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Comunicação, Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro, Vila Real, 2011. Disponível em: <<https://ibralc.com.br/ead/wp-content/uploads/sites/15/2017/03/A-influencia-indument%C3%A1ria-gesticula%C3%A7%C3%A3o-na-credibilidade-cap-2.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2019.

SOUZA, Maria Laurinda Ribeiro de. **O que é narcisismo?** Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/o_que_e_narcisismo_.html>. Acesso em: 30 maio 2018.

STEFANI, Patrícia da Silva. **Moda e Comunicação: a indumentária como forma de expressão**. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 2. sem. 2005, 90 fl. mimeo. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/PSilva.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2018.

QUINTELA, Hugo Felipe. A Segunda Pele: A linguagem das roupas, seus signos e a configuração da identidade social através do vestuário.. **Anais do Seminário Nacional da Pós-graduação em Ciências Sociais – Ufes**, Vitória ES, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1551/1141>>. Acesso em: 25 maio 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A:

PERGUNTAS BASE PARA A ESTRUTURAÇÃO DA ENTREVISTA:

1. Você segue as tendências de moda? Por quê?
2. Como você escolhe suas roupas - tanto para vir pra escola quanto para sair - tem roupa que prefere utilizar na escola? (perguntar sobre o uniforme)
3. Qual foi a última vez que você fez compras? Quantas peças levou?
4. Você compra suas roupas com dinheiro próprio? Quando vai escolher, o que leva como prioridade? (preço, marca, estilo, confortabilidade, etc.)
5. Você já utilizou roupas de segunda mão? Se sim, sofreu algum julgamento ou ficou com vergonha? Se não, por quê?
6. Você costuma doar roupas? Por quê?
7. Você antes de se vestir, tem o hábito de pensar no que as outras pessoas vão falar sobre?
8. Você já sofreu pré-julgamentos apenas pela sua aparência? Se sim, como?
9. Você já ouviu comentários sobre suas roupas? Que tipo de comentários?
10. Você já comentou ou julgou alguém pelas suas roupas?
11. Você acha que chama a atenção das pessoas por causa das suas roupas? Mesmo que sem intenção.
12. Você acredita que a roupa possui um caráter simbólico? E se ela pode ser usada como instrumento de expressão? Se sim, ela expressa realmente o que você quer transmitir?
13. Você se sente parte de alguma tribo social? Se sim, você acha que isso influencia no convívio com outras pessoas? (Explicar o que é uma tribo social caso a pessoa não saiba).
14. Você se sente representado pelas roupas que utiliza? Por quê?
15. Você já utilizou determinada roupa por pressão social/ sentir-se incluso no meio de convívio? Se sim, conte mais sobre a situação.
16. Você acredita que a roupa pode demonstrar sua classe social?
17. Quando você vê alguém com roupas de marca, o que você pensa?
18. O convívio no IFSC alterou sua forma de se vestir? Se sim, como?

APÊNDICE B:

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS

I- Informante *D- Documentador*

Entrevistado 1 | 28 de setembro de 2018

D- Você segue as tendências de moda?

I- Não

D- Como você escolhe suas roupas? Tanto para vir para escola quanto para sair... tem roupa que tu prefere utilizar na escola?

I- Não, eu só escolho as roupas mais confortáveis possíveis, observo o tempo para ver se vou passar frio ou calor. Não tenho uma distinção entre roupas para sair e roupas para vir à escola, são as mesmas.

D- Qual foi a última vez que você fez compras?

I- De roupas... um mês ou dois.

D- Quantas peças você levou?

I- Uma ou duas.

D- Você compra suas roupas com dinheiro próprio?

I- Não, é com o dinheiro dos meus pais.

D- E quando vai escolher, o que tu leva como prioridade?

I- O conforto, mas também não compro nada acima de cem reais, exceto tênis.

D- Você já utilizou roupas de segunda mão? Se sim, sofreu algum julgamento ou ficou com vergonha?

I- Acho que já usei, sobre julgamento eu acho que não e não fiquei com vergonha, não ligo para o que pensam sobre minhas roupas.

D- Você costuma doar roupas? Por quê?

I- Não, não tenho esse costume.

D- Antes de se vestir, você tem o hábito de pensar no que as outras pessoas vão falar sobre o que você tá vestindo?

I- Não, só as vezes penso que eu ficaria meio “zuado” com determinada roupa e as pessoas vão reparar.

D- Você já ouviu comentários sobre suas roupas? Que tipo de comentários?

I- Sim, já me disseram que eu uso sempre as mesmas roupas, tipo “te vi no rolê ontem com essa roupa”... não era a mesma roupa! (risos)

D- Você já comentou ou julgou alguém pelas suas roupas?

I- Já, achei a roupa da pessoa meio zuada.

D- Você acha que chama a atenção das pessoas por causa das suas roupas? Mesmo que sem intenção.

I- Não

D- Você acredita que a roupa possui um caráter simbólico? E se ela pode ser usada como instrumento de expressão?

I- Sim, acho que ela pode ser usada para esse fim.

D- Mas você acha que sua roupa expressa realmente o que você quer transmitir?

I- Não, não utilizo ela como forma de expressão. Por exemplo, quando eu vejo alguém com uma blusa com o símbolo antifascista, obviamente vou pensar que ela segue o movimento. Ela tá usando a roupa como expressão política, eu não vou usar para esse fim.

D- Você se sente parte de alguma tribo social? Você acha que isso influencia no convívio com outras pessoas?

I- Não me sinto, e acho que não influencia. Porém depende, já que saio com uma galera que tem um estilo meio metaleiro ao mesmo tempo que saio com uma galera um pouco “padrãozinho” e não sou tão influenciado pelos dois grupos.

D- Você já utilizou determinada roupa por pressão social e para sentir-se incluso no meio de convívio?

I- Não

D- Você acredita que a roupa pode demonstrar sua classe social?

I- Sim, quando a marca é muito cara vou pensar que a pessoa tem dinheiro.

D- Quando você vê alguém com roupas de marca, o que você pensa?

I- Depende a marca, Nike e Adidas ok, mas sei lá, Supreme é coisa de burguês.

D- O convívio no IFSC alterou sua forma de se vestir? Se sim, como?

I- Acho que sim, antes eu usava muito uniforme, aqui eu uso só calça jeans e camiseta.

Entrevistado 2 | 28 de setembro de 2018

D- Você segue as tendências de moda?

I- Sim, porque eu acho interessante.

D- Como você escolhe suas roupas? Tanto para vir para escola quanto para sair.

I- Para vir à escola eu não escolho, eu só venho. (risos) E para sair eu gosto de usar as roupas novas. Tem a diferença entre roupas para sair e vir para a escola, geralmente eu venho com as velhas.

D- Qual foi a última vez que você fez compras?

I- Mês passado.

D- Quantas peças você levou?

I- Duas.

D- Você compra suas roupas com dinheiro próprio?

I- Sim, se me dão é meu. (risos)

D- Então é dos seus pais?

I- (risos) é...

D- E quando vai escolher, o que tu leva como prioridade?

I- Levo mais a marca e o preço, o estilo também. Mas busco o mais barato dentro do que eu procuro, não adianta ser de marca se não tiver qualidade.

D- Mas qual o limite de preço?

I- Não é muito, acho que o mais caro foi um tênis... quatrocentos e cinquenta reais (risos).

D- Você já utilizou roupas de segunda mão? Se sim, sofreu algum julgamento ou ficou com vergonha?

I- Já, não fiquei com vergonha.

D- Você costuma doar roupas? Por quê?

I- Não, não costumo.

D- Antes de se vestir, você tem o hábito de pensar no que as outras pessoas vão falar sobre o que você tá vestindo?

I- Às vezes eu peço opinião, não é sempre que vou vestir, mas geralmente peço se tá bom.

D- Você já ouviu comentários sobre suas roupas? Que tipo de comentários?

I- Já, me falaram que só uso nike, por exemplo... me chamaram de mesquinho, coisa normal.

D- Você já comentou ou julgou alguém pelas suas roupas?

I- Já, às vezes fico pensando... meu, poderia ter colocado outra coisa.

D- Você acha que chama a atenção das pessoas por causa das suas roupas? Mesmo que sem intenção.

I- Às vezes sim, depende do ambiente, tem lugares que eu não usaria uma roupa chamativa.

D- Que tipo de roupa chamativa?

I- Meu casaco de pelos (risos)

D- Você acredita que a roupa possui um caráter simbólico? E se ela pode ser usada como instrumento de expressão?

I- Sim.

D- Mas você acha que sua roupa expressa realmente o que você quer transmitir?

I- Não sei... eu não uso as roupas pensando em algum outro motivo, eu só olho para a roupa e se eu gostar eu uso.

D- Você se sente parte de alguma tribo social?

I- Gucci Gang (risos)... não, não acho.

D- Você acha que isso influencia no convívio com outras pessoas?

I- Acho que sim, mas não se aplica comigo, converso com qualquer pessoa.

D- Você já utilizou determinada roupa por pressão social e para sentir-se incluso no meio de convívio?

I- Não, nunca.

D- Você acredita que a roupa pode demonstrar sua classe social?

I- Pode, mas não necessariamente. Uma pessoa que usa uma roupa muito cara é uma pessoa que tem dinheiro. Tipo os “hypes”.

D- Quando você vê alguém com roupas de marca, o que você pensa?

I- Depende a marca, se a roupa é bonita, eu penso: olha, ela se veste bem, senão não.

D- O convívio no IFSC alterou sua forma de se vestir?

I- Não

Entrevistado 3 | 28 de setembro de 2018

D- Você segue as tendências de moda?

I- Não, porque eu não acho que seja interessante, que eu tenha que fazer nem que

me agregue em nada.

D- Como você escolhe suas roupas? Tanto para vir para escola quanto para sair.

I- Combinando cores. Se o tom de uma combinar com o tom da outra... essas coisas assim. As roupa de sair e vir para a escola são as mesmas.

D- Qual foi a última vez que você fez compras?

I- Semana passada.

D- Quantas peças você levou?

I- Quatro.

D- Você compra suas roupas com dinheiro próprio?

I- Sim.

D- E quando vai escolher, o que tu leva como prioridade?

I- A marca.

D- Você já utilizou roupas de segunda mão? Se sim, sofreu algum julgamento ou ficou com vergonha?

I- Já, não fiquei com vergonha.

D- Você costuma doar roupas? Por quê?

I- Sim.

D- Antes de se vestir, você tem o hábito de pensar no que as outras pessoas vão falar sobre o que você tá vestindo?

I- Não.

D- Você já sofreu pré-julgamentos apenas pela aparência?

I- Já, é que antes eu usava bastante roupas largas, então associavam isso como se eu fosse skatista.

D- Você já ouviu comentários sobre suas roupas? Que tipo de comentários?

I- Já... minha avó fala que pareço um gay. Mas ela é idosa, então não levo em consideração.

D- Você já comentou ou julgou alguém pelas suas roupas?

I- Muito. Tipo, eu faço estereótipos, se certa pessoa tá com camisa de futebol azul, um tênis fluorescente e um calção vermelho eu acho brega. Me dá um pouco de angústia. Ou quando vejo alguém de roupa social, eu imagino que ela trabalha em algo que exija roupas formais... sei lá, acho que crio estereótipos e mesmo sem querer eu acabo seguindo eles... se a pessoa usa tal roupa ela faz tal coisa.

D- Você acha que chama a atenção das pessoas por causa das suas roupas? Mesmo que sem intenção.

I- Acho que não.

D- Você acredita que a roupa possui um caráter simbólico?

I- Como assim?

D- Ela pode ser usada como instrumento de expressão, ela passa uma mensagem.

I- Sim.

D- Mas ela expressa realmente o que você quer transmitir?

I- Depende, é que tipo tem marcas que têm conceito.

D- Como assim conceito?

I- A marca tem uma história em volta de algo e às vezes você gosta disso e quer seguir. Mas a maioria das pessoas não entendem, “tal marca é só tal marca” e não veem aquilo como uma coisa que expresse algo, ou que faça algo. As outras pessoas não veem mas eu vejo.

D- Você se sente parte de alguma tribo social?

I- Acho que não.

D- Você acha que isso influencia no convívio com outras pessoas?

I- Sim, sim. É que geralmente você vai gostar daquilo que corresponda ao teu estilo; exemplo quem gosta de kpop vai ver marcas asiáticas e se vierem falar comigo não saberei dizer nada. Agora se uma pessoa gosta de hip-hop, segue artistas desse meio e fala das marcas desse meio, vou saber e conversar com ela... criar um vínculo.

D- Você já utilizou determinada roupa por pressão social e para sentir-se incluso no meio de convívio?

I- Não, nunca.

D- Você se sente representado pelas roupas que utiliza? Por quê?

I- Sim, pois eu busco a questão do conceito das marcas.

D- Você acredita que a roupa pode demonstrar sua classe social?

I- Não.

D- Quando você vê alguém com roupas de marca, o que pensa?

I- Sim, quando você vê uma pessoa de Versace de Gucci, você vai pensar que ela é rica, porque uma pessoa qualquer não vai pagar vinte mil reais num casaco, você pode até ter o dinheiro, mas 98% das pessoas não vão pagar.

D- O convívio no IFSC alterou sua forma de se vestir?

I- Não.

D- O que você acha das pessoas que usam uniforme no ifsc?

I- Normal, é o uniforme da escola, um meio de identificação e também de "regularização" entre os alunos.

D- O que você pensa sobre as pessoas que usam roupas de marca dentro da escola? E fora dela?

I- É da decisão de cada um, se vestir como pode e quer em cada ocasião. As marcas muitas vezes representam coisas pra pessoa que ta usando, então se ela gosta e não diminui ninguém por isso...

Entrevistado 4 | 28 de setembro de 2018

D- Primeira pergunta: Você costuma seguir tendências de moda? Se sim, por quê?

I- Sim, porque aquilo que eu vejo e acho que é legal, eu acabo aderindo nos looks do dia a dia.

D- Segunda pergunta: Como você costuma escolher suas roupas? Tanto para vir para a escola quanto para outros lugares.

I- Eu vou de acordo com o que eu gosto, ou das cores que eu gosto.

D- Na escola, eu percebo que você sempre está de uniforme, isso tem algum motivo em especial?

I- Eu me sinto confortável com o uniforme, eu não me sinto confortável com roupas normais.

D- Qual foi a última vez que você fez compras, de roupas, e quantas peças você levou, mais ou menos?

I- Já faz acho que um mês e eu comprei uma blusa.

D- Quando você vai comprar suas roupas, você usa o seu dinheiro próprio, ou alguém paga para você?

I- Meus pais pagam [risos].

D- E quando você vai comprar, o que leva como prioridade na escolha da roupa?

I- Como assim?

D- Você leva como prioridade, o preço, a marca, o estilo ou alguma outra coisa?

I- O preço e o estilo.

D- E os seus pais, as pessoas que pagam as suas roupas, têm uma influência grande na hora da escolha?

I- Não.

D- Você já utilizou roupas de segunda mão?

I- “Segunda mão”?

D-É se, por exemplo, eu usei, mas não quero mais por algum motivo, então eu vendo ou dou essa peça.

I- Não.

D- Por quê?

I- Não sei eu acho que nunca tive oportunidade.

D-Você costuma doar roupas?

I- Sim.

D- Por quê?

I- Porque as roupas que eu não gosto ou que não me servem mais, tem gente que tá precisando.

D- Você já ouviu algum tipo de comentário sobre as suas roupas ou coisa do tipo?

I- Eu já ouvi muito comentário dizendo que as pessoas gostam do meu estilo.

D- E você já sofreu algum tipo de prejulgamento pela sua aparência física?.

I- Eu acho que sim, porque eu tento ser bem diferente no meu estilo então a maioria das pessoas sempre tá julgando.

D- Mas alguém já chegou explicitamente para você e falou alguma coisa nesse sentido?

I- Não, mas só pelos olhares, né?

D- Você já julgou alguma pessoa pela roupa que ela estava usando?

I- Já.

D- Você acha que chama atenção das pessoas por causa das roupas?

I- Sim.

D- Isso de propósito ou por uma consequência natural, sem intenção?

I- Eu acho que natural, porque querendo ou não, se alguma coisa chama atenção a gente olha.

D- Você acredita que roupa pode possuir algum caráter simbólico, no sentido de expressar o que você pensa?

I- Eu acho que não, eu acho que você o que você gosta, não para expressar algo.

D- Você se sente parte de alguma tribo social?

I- ...

D- Acho que eu tenho que explicar, é por exemplo, os roqueiros, os esqueitistas, os funkeiros e etc.

I- Não, eu não me sinto parte.

D- Você se sente representada pelas roupas que usa?

I- Sim.

D- Você já utilizou determinadas roupas por pressão social?

I- Não eu uso o que eu quero, sempre o que eu quero.

D- Você acha que a sua roupa pode demonstrar a que classe social você pertence?

I- Acho que não, porque tem muita gente que não tem muito dinheiro, mas, mesmo assim, consegue ser muito estiloso.

D- Quando você vê alguém com uma roupa de marca, o que você pensa?

I- Eu não sei, porque a gente vê alguma marca muito famosa e a gente pensa, 'meu, tem dinheiro e pode comprar'

D- O convívio no IFSC alterou de alguma forma o jeito que você se veste?

I- Não.

Entrevistado 5 | 28 de setembro de 2018

D- Primeira pergunta: Você costuma seguir tendências de moda?

I- Sim.

D- Por quê?

I- Porque é tendência [risos].

D- Como você costuma escolher as roupas que você vai utilizar? Tanto na hora de vir para a escola quanto para outros lugares.

I- Para vir para escola eu sempre venho de uniforme, e para outros lugares dependendo do lugar eu me adequo, por exemplo, na igreja eu vou com uma roupa mais adequada, para ir para uma festa eu geralmente vou de vestido

D- Por que você vem de uniforme para a escola?

I- Porque... Sabe que eu não sei explicar? Deixa eu pensar... Porque senão eu tenho que ficar usando uma roupa diferente a cada dia, então eu optei pelo uniforme.

D- Qual foi a última vez que você fez compras de roupas?

I- Exato?

D- Pode ser aproximadamente.

I- Que eu comprei ou que eu ganhei?

D- Comprou.

I- Ah, faz um mês que eu comprei.

D- Você lembra, mais ou menos, quantas peças você levou?

I- Duas.

D- Duas o quê?

I- Eu comprei um vestido e uma camisa.

D- Quando você vai comprar, você paga com dinheiro próprio ou alguém paga para você?

I- Minha mãe paga para mim, né?

D- E quando você vai escolher o que você leva como prioridade na roupa? Preço, marca, estilo, conforto...?

I- Geralmente quando eu vou comprar alguma coisa eu compro ela destinada a alguma data, por exemplo, se eu vou numa festa então eu vou comprar alguma roupa para usar naquela festa.

D- Sim, mas como você escolhe qual roupa você vai usar naquela data?

I- Sei lá, alguma coisa que eu goste, que eu me sinta bem.

D- Quando você vai fazer a sua compra, a sua mãe, ou a pessoa que estiver pagando, tem influência na escolha dela?

I- Tem.

D- Essa influência é geralmente em qual sentido? De controlar o preço da roupa ou o estilo dela?

I- A segunda opção, o estilo.

D- Você já utilizou roupas de segunda mão?

I- Já.

D- Você já sofreu algum julgamento por isso?

I- Acho que não.

D- Por quê?

I- Porque eu acho que as pessoas geralmente não sabem.

D- E se soubessem, você acha que seria julgada?

I- Acho que não, porque a pessoa talvez falaria pelas costas, mas não viria diretamente comigo.

D- Você costuma doar roupas?:

I- Sim.

D- Por quê?

I- Porque eu acho que tu se sente bem a partir do momento que tu tá fazendo uma boa ação.

D- Antes de se vestir, você costuma pensar no que os outros vão pensar sobre você por causa daquela roupa.

I- Sim.

D- Você já sofreu algum prejulgamento pela sua aparência?

I- Que eu saiba não, mas certeza que já devem ter falado.

D- Mas ninguém nunca falou diretamente para você?

I- Não.

D- Você já julgou ou comentou a roupa de uma pessoa?

I- Já.

D- Pelas costas ou diretamente para a pessoa?

I- Aí depende, se é uma pessoa mais íntima eu falo na cara mesmo, mas se eu não conheço a pessoa eu só olho e não falo nada.

D- Você acha que chama atenção das pessoas por causa da sua roupa?

I- Sim.

D- Você acha que a roupa pode possuir algum caráter simbólico, no sentido de expressar alguma coisa?

I- Às vezes.

D- Que vezes?

I- Por exemplo, se você for para um velório você vai usar preto.

D- Você tenta transmitir alguma coisa com as suas roupas no cotidiano, ou só nessas situações específicas.

I- Só nessas situações.

D- Você se sente parte de alguma tribo social?

I- O que são tribos sociais?

D- Por exemplo, roqueiros, esquiteiros, etc.

I- Não, não me sinto parte.

D- Você se sente representada pelas roupas que usa?

I- Depende.

D- Do quê?

I- Por exemplo, eu venho de uniforme para representar a escola.

D- Então nesse sentido, você acha que a roupa mostra quem você é?

I- Sim.

D- Você já utilizou algum tipo de roupa por pressão social ou para se sentir aceita?

I- Não.

D- Você acredita que a roupa pode demonstrar a classe social de alguma pessoa?

I- Eu acho que não, porque às vezes há pessoas que não têm tanta condição financeira mas usam roupas de marca e andam sempre arrumadas, assim como há pessoas que têm condição mas não esbanjam tanto.

D- Quando você vê alguém com roupa de marca o que você pensa?

I- Que ela é rica, né?

D- O convívio no IFSC alterou de alguma forma o jeito que você se veste?

I- Não.

Entrevistado 6 | 3 de outubro de 2018:

D- Você segue as tendências de moda? Por quê?

I- Não, porque a moda geralmente é o que a maioria gosta e eu não gosto do que a maioria gosta, e eu acho que a moda de hoje em dia é muito minimizada, as pessoas não tendem mais a querer mostrar algo de diferente mas sim serem padronizadas.

D- Como você escolhe suas roupas - tanto para vir para escola quanto para sair - tem roupa que prefere utilizar na escola, como por exemplo o uniforme?

I- Eu uso uniforme quando ele ta limpo porém eu prefiro usar as minhas roupas geralmente inspiradas em artistas que eu gosto. Meus três pilares de roupa são: Michael Jackson mas eu não ando com brilho, Ozzy Osbourne mas eu não como morcego e Ronnie James Dio, geralmente é uma roupa voltada a Europa medieval, uma coisa mais “dark”.

D- Qual foi a última vez que você fez compras? Quantas peças levou?

I- Foi ontem, eu comprei 5 camisas sociais.

D-Você compra suas roupas com dinheiro próprio? Quando vai escolher, o que leva como prioridade, como por exemplo preço, marca e estilo?

I- Eu compro com a minha poupança, digamos assim, que eu guardo dinheiro ou as vezes a minha mãe me dá. Marca, eu não me importo com marca desde que a roupa seja preta e eu tenho três cores de preferência: Preta, azul e cinza, o tamanho geralmente é o meu tamanho que é “M”, o estilo geralmente é muito social, eu uso bastante roupa social e só.

D- Você já utilizou roupas de segunda mão? Se sim, sofreu algum julgamento ou ficou com vergonha? Se não, por quê?

I- Eu acho que se você vai a um brechó você descobre um mundo muito interessante, porque eu gosto de coisa velha, então, esses dias eu fui em um brechó para olhar e sai de lá com um cinto, porque nos meus shows eu geralmente uso umas roupas mais antigas e eu já prefiro ir em um brechó e se alguém me julgar eu simplesmente não me importo, mais do que já sou julgado.

D- Você costuma doar roupas? Por quê?

I- É difícil desapegar de uma roupa mas quando eu vejo que não faz mais diferença para mim eu doo ou quando eu vejo que não dá para doar eu jogo fora, e eu faço isso porque muitas pessoas não tem roupa para sair e eu acho que um pouco de caridade e altruísmo é interessante.

D- Você antes de se vestir, tem o hábito de pensar no que as outras pessoas vão falar sobre?

I- Não, eu não tenho.

D- Você já sofreu pré-julgamentos apenas pela sua aparência? Se sim, como?

I- Depende, aparência física nunca fui julgado mas pelas roupas talvez. Eu detesto que me chamem de Harry Potter por usar sobretudo por exemplo e eu acho isso uma imbecilidade muito grande porque eu não gosto dele, mas eu já recebi apelidos que eu gostei como mago, bruxo, Lucifer, apelidos que eu gosto por exemplo.

D- Você já ouviu comentários sobre suas roupas? Que tipo de comentários?

I- Sim, eu já recebi alguns comentários, alguns positivos outros negativos, já me chamaram de nazista por causa do meu sobretudo mas já elogiaram também.

D- Você já comentou ou julgou alguém pelas suas roupas?

I- Já, muitas vezes. Muitas vezes eu vejo alguém vestido, na escola por exemplo, com uma roupa inapropriada para o recinto, uma pessoa que está com um decote muito acentuado, com um shorts muito curto, eu acho que não tem nada a ver com machismo, tem a ver com pudor e respeito porque as pessoas não precisam ver metade da sua bunda quando você tá andando e também em questão de “ah, roupa feia”, não, só essa questão de respeito, sabe.

D- Você acha que chama a atenção das pessoas por causa das suas roupas? Mesmo que sem intenção.

I- Eu acho que sim né, até porque eu estou sendo entrevistado aqui, mas o meu objetivo principal não é tipo “ah, eu vou sair aqui, olha a minha roupa nova, eu sou um astro do rock”, eu uso a roupa que eu gosto e as pessoas reparam, dizem que é diferente mas não sei, não entendem sabe, o que é normal para mim.

D- Você acredita que a roupa possui um caráter simbólico? E se ela pode ser usada como instrumento de expressão? Se sim, ela expressa realmente o que você quer transmitir?

I- Sim, a gente vê pela história, um militar por exemplo ele usa a farda então é uma característica da pessoa, um roqueiro ele nunca vai usar uma calça colorida, entende, isso é um certo padrão de roupas, e a roupa é claro que ela tem algo para expressar, por exemplo quando eu uso o meu sobretudo eu quero mostrar que eu sou um ser mágico e divino e que posso destruir a humanidade. Sim, ela expressa o que eu quero transmitir, eu quero transmitir o poder do heavy metal na minha vida e essa magia que a música transmite, por exemplo o estilo heavy metal ele é um estilo mágico, literalmente mágico que pode mudar as pessoas e as letras, é extremamente fantástico.

D- Você se sente parte de alguma tribo social? Se sim, você acha que isso influencia no convívio com outras pessoas?

I- Não, eu não acho que faço parte de nenhum estereótipo ou tribo social, não sei, acho que não.

D- Você se sente representado pelas roupas que utiliza? Por quê?

I- Extremamente representado, eu sou músico e eu gosto de coisas medievais, então eu procuro as roupas medievais, as vezes até mando fazer as minhas próprias roupas e eu me sinto muito representado, eu não usaria coisas que eu não me sinto bem, entende.

D- Você já utilizou determinada roupa por pressão social ou para sentir-se incluso no meio de convívio? Se sim, conte mais sobre a situação.

I- Infelizmente sim, uma vez eu queria ir de sobretudo em uma festa infantil e minha mãe falou: “Ah não, tem criança lá e eles vão achar que você é um monstro”, mas é que eu sou o tipo de pessoa que eu não me importo o lugar que eu estou, eu quero vestir a roupa que eu quero, mas por exemplo na escola, eu vim um dia de social e de sobretudo e já me chamaram de burguês porque eu estava com roupa social, no caso na primeira fase, e eu me sinto tipo: me deixa em paz, entende.

D- Você acredita que a roupa pode demonstrar sua classe social?

I- Eu acho que sim, mas eu não me visto com roupas boas para dizer que eu sou bem de vida, entende, mas claro você vê um mendigo ele não está com uma roupa de marca, entende, então é claro que demonstra status, muitas pessoas usam-se disso para demonstrar status, sabe, uma coisa não leva a outra mas elas podem estar ligadas.

D- Quando você vê alguém com roupas de marca, o que você pensa?

I- Eu penso que essa pessoa está querendo se mostrar, na maioria dos casos quando eu vejo quem é a pessoa, mas quando eu vejo: “Ah, fulano tá usando uma roupa de marca”, ah beleza, que legal.

D- O convívio no IFSC alterou sua forma de se vestir? Se sim, como?

I- Sim, eu passei a usar uniforme e eu acho muito útil usar uniforme porque eu não preciso gastar as minhas roupas.

| 2 de maio de 2019:

D - Você utiliza o uniforme com que frequência no colégio?

I - Eu utilizo o uniforme quando têm Educação Física, porque a maioria das minhas roupas não são adequadas, tirando os shorts que eu uso para frequentar a academia mas as vezes eu não quero. E a camisa (*se referindo a camiseta do uniforme*) é porque eu não quero gastar as minhas outras roupas mas ultimamente eu não tenho usado tanto quanto deveria.

D- Você disse que você não está utilizando com tanta frequência quanto deveria,

porque você deveria usar uniforme?

I- Acho que manter um padrão em uma instituição é interessante até por um ponto de reconhecimento até porque, por exemplo, vamos fazer um exercício básico de uma turma ir visitar um lugar onde há outras turmas, o uniforme do IFSC iria se destacar, do que o do Marista, por exemplo.

D- Você acha que usar o uniforme fora do colégio passa uma imagem boa para a Instituição? Para as pessoas que estão de fora do colégio?

I- Acredito que sim, porque pode ser pelo renome da Instituição e também porque, por exemplo, eu não usava uniforme na minha outra escola e uso uniforme do IFSC por ter orgulho de ter passado e *tal*. E passar uma boa imagem porque a Instituição passa isso pra gente.

D-Ok, então você aproveita a imagem boa da Instituição para passar para você essa imagem também, o que é muito legal. Suponhamos que você não usa o uniforme todo dia, e quando você usa outras roupas, como que você as escolhe?

I- Primeiro o clima, eu detesto o calor, detesto mesmo e eu amo o frio. As roupas que eu mais gosto de usar no inverno são os sobretudos, eu tenho 4 e roupas sociais, como coletes sociais, gravatas, camisetas sociais, geralmente roupas que lembram tempos passados porque eu detesto a Moda contemporânea e acho ela um absurdo de ruim.

D- Você disse que detesta a Moda contemporânea, alongue-se nisso.

I- A moda contemporânea é estúpida, um balão na sua cabeça é moda e eu acho isso um tanto quanto problemático, por exemplo, eu vejo os artistas de *funk* e o tipo de vestimenta que eles usam e acho elas fúteis e vejo que eles só querem passar uma imagem e não a música em sí. Eu acredito que por exemplo, os cantores de *Heavy Metal*, eles estão *cagando* para o tipo de roupa que eles usam, existem cantores que claro, se produzem inteiro utilizando sobretudos, roupas medievais e isso eu acho muito interessante. A moda contemporânea eu defino um último suspiro de se vestir porque se você volta para os anos 40, eu por exemplo adoro as vestimentas como se você pega uma foto de Nova Iorque nos anos 40 durante a construção do Empire State é fantástico como os homens se vestiam.

D- Você tem um grande apreço por aquelas roupas, ok. E você disse que a moda contemporânea é estúpida, você vê essa moda estúpida aqui no IFSC?

I- Vejo bastante, mas eu não julgo as pessoas estúpidas mas sim a moda, as pessoas elas tendem a se apegar às coisas, isso é normal, pena que elas se apegam a coisas que não são tão boas e isso acontece em todos os outros câmpus.

D- Você disse que o cantor de Heavy Metal não liga pra roupa que ele está usando, você acha que ele não liga mesmo?

I- Essa afirmação que eu fiz foi um tanto equivocada porque não foi exatamente isso

que eu quis dizer, eu quis dizer que a minha vestimenta não vai interferir na minha repercussão como cantor mas os cantores se vestem muito bem, na minha opinião, alguns se vestem mal mesmo no estilo deles, por exemplo, alguns tipos de *Metal* os caras são andrógenos, se vestem como mulher e isso não me agrada. Existem uma banda chamada Blind Guardian que os caras se vestem muito bem.

D- Vamos concordar que esse estilo de roupa mais antigo não é o mais comum de se ver hoje em dia, geralmente a gente vê outros estilos de roupas, você não tem medo de ser julgado por usar esse tipo de roupa?

I- Eu não me importo com as pessoas ao meu redor em questão de julgamento, eu acho que cada um usa o que quiser, claro que eu julgo a moda como eu disse antes, uma coisa meio superficial demais, mas o julgamento ele acontece pois a toda hora a gente está vendo uma coisa e julgando ele em aspectos, então eu já fui julgado, na minha outra escola quando eu usava sobretudo me chamavam de Harry Potter mesmo eu detestando, eu *cagava* porque eram pessoas que não eram importantes pra minha vida e não mudaria nada a opinião delas. Até acho interessante esse julgamento porque pelo menos as pessoas estão reparando que há algo de diferente no padrão.

D- Você acha que esse julgamentos, por mais que você não se importe com eles, acabam afetando você?

I- Em mim eu acredito que não, o julgamento você escolhe ser afetado por ele ou não, então não, eu não me importo muito. As vezes acontece que eu tenho algumas roupas que eu prefiro não utilizar em público, porque as pessoas vão achar que eu sou meio maluco, por exemplo, eu tenho uma bata indiana que é um estilo de vestimenta muito diferente, é mais pelos olhares estranhos que eu acho meio desnecessário mas não porque eu teria preocupação do que eles iriam pensar, é mais por eu achar que é desnecessário, para nem precisar me preocupar com isso.

D- O que você acha das pessoas que usam roupa de marca?

I- Bem, eu utilizo roupas de marca e não vejo nenhum problema em utilizar roupa de tal marca até porque é uma marca e não diferencia em nada, o problema é pessoas acharem que são melhores por usarem roupas de marca, sendo que a vestimenta não interfere em nada na pessoa, claro que você pode julgar socialmente essa pessoa, mas intelectualmente nada e pra mim o que importa é o intelecto da pessoa e não o que ela veste, eu já vi mendigos extraordinários conversarem comigo e já vi pessoas de terno e gravata que não sabiam nem ler.

D- Você acha que a roupa acaba refletindo nisso?

I- Refletindo no que?

D- O intelecto da pessoa, a roupa pode transmitir a imagem de intelecto?

I- O senso comum ele transmite isso, se você ver, vamos pegar um nerd, ele está de

óculos, suéter, calça e de acordo com o senso comum isso transmite, mas não que eu acredite nisso.

D- Os estereótipos dizem isso.

I- Sim.

D- Vamos pegar roupas de marca como Gucci, Adidas, Supreme e têm roupas de marca como Dudalina, você consegue diferenciar bastante os dois estilos, como uma mais adulta e outra mais jovial, você consegue ter uma visão diferente dos dois tipos ou são iguais?

I- As marcas, elas estão separadas e existem diferentes tipos de vestimenta casual, clássicas, sociais e etc... eu opto pelas sociais como as marcas *Tommy, Lacoste* entre outras mas eu também utilizo *Adidas*, essa *Supreme* eu nunca usei e na verdade eu só utilizo *Adidas* porque eu preciso fazer exercícios, pois senão eu não usaria porque não é um tipo de vestimenta que chama a minha atenção.

Entrevistado 7 | 3 de outubro de 2018

D- Você segue as tendências de moda? Por quê?

I- Eu acredito que sim, eu procuro sempre estar antenada e montar os meus looks desse jeito quando eu vou comprar roupa.

D- Como você escolhe suas roupas - tanto para vir para escola quanto para sair - tem roupa que prefere utilizar na escola, como por exemplo o uniforme?

I- Eu geralmente escolho as minhas roupas conforme a ocasião, então se eu vou vir para a aula eu não vou usar uma roupa decotada por exemplo, mas se eu vou para uma festa eu já posso usar. Na escola eu geralmente tento usar as roupas mais velhas.

D- Qual foi a última vez que você fez compras? Quantas peças levou?

I- Foi no último final de semana e eu comprei nove peças.

D- Você compra suas roupas com dinheiro próprio? Quando vai escolher, o que leva como prioridade?

I- Eu não trabalho, então é com o dinheiro dos meus pais e geralmente eu levo como prioridade o custo benefício.

D- Você já utilizou roupas de segunda mão? Se sim, sofreu algum julgamento ou ficou com vergonha? Se não, por quê?

I- Já usei, não sofri nenhum tipo de julgamento e eu acredito que é porque as pessoas não saibam, talvez se elas soubessem que era de segunda mão elas teriam olhado para a minha roupa de outra forma.

D- Você costuma doar roupas? Por quê?

I- Costumo, porque é uma peça que eu não utilizo mais e eu posso dar um destino diferente para ela, para uma pessoa que vai fazer bom proveito.

D- Você antes de se vestir, tem o hábito de pensar no que as outras pessoas vão falar sobre?

I- Sim, sempre.

D- Você já sofreu pré-julgamentos apenas pela sua aparência? Se sim, como?

I- Sim, eu fui em uma festa, eu coloquei um vestido e pelo tamanho dos meus seios o vestido ficou muito decotado, e daí as pessoas me olhavam torto, eu imagino que elas achavam que eu era oferecida por causa do decote e foi péssimo, tanto que eu ficava jogando o cabelo na frente do decote.

D- Você já ouviu comentários sobre suas roupas? Que tipo de comentários?

I- Sim, eu já ouvi tanto elogios do tipo: “Ah, essa roupa ficou muito linda em você” quanto julgamentos tipo esse do vestido ou: “Essa blusa tá muito apertada, troca”.

D- Você já comentou ou julgou alguém pelas suas roupas?

I- Julgar a gente julga, não tem como dizer que não, assim eu nunca cheguei a falar para pessoa mas aquela olhadinha assim acontece, infelizmente.

D- Você acha que chama a atenção das pessoas por causa das suas roupas? Mesmo que sem intenção.

I- Acho que sim.

D- Você acredita que a roupa possui um caráter simbólico? E se ela pode ser usada como instrumento de expressão? Se sim, ela expressa realmente o que você quer transmitir?

I- Eu acho que sim, tanto que como eu disse eu escolho a minha roupa conforme a ocasião, então dependendo da imagem que eu vou querer passar eu vou usar uma roupa, então por exemplo se eu vou a um lugar e esse lugar tem pessoas de alto poder aquisitivo eu vou procurar usar uma roupa que condiga com isso, tipo: “Ah, não vou colocar a roupa que eu venho para escola”.

D- Você se sente parte de alguma tribo social? Se sim, você acha que isso influencia no convívio com outras pessoas?

I- Olha, mais ou menos, eu acho que eu não me encaixo muito em uma tribo só porque eu uso vários estilos, só que atrapalha um pouco porque a minha roupa padrão que eu mais utilizo é algo mais simples, então as pessoas da tribo social skatistas por exemplo, eles vão me olhar e achar que eu sou patricinha.

D- Você se sente representado pelas roupas que utiliza? Por quê?

I- Eu acredito que sim, porque eu uso roupas nas quais eu me sinto bem e muitas vezes, por exemplo, é uma frase em uma camiseta ou um dia que eu vou sair com

uma calça jeans, dependendo do estilo que eu me visto eu passo uma mensagem com isso.

D- Você já utilizou determinada roupa por pressão social ou para sentir-se incluso no meio de convívio? Se sim, conte mais sobre a situação.

I- Já, já usei, quando eu era menor para ir na igreja eu sempre usava saia e nem sempre eu me sentia bem usando a saia, geralmente saias compridas porque eu sou baixinha, então quando eu colocava a saia comprida eu não me sentia bem, e com o tempo eu parei, eu comecei a usar as roupas que eu gostava geralmente tipo calça jeans, etc. porque era quem eu era, e eu de saia não.

D- Você acredita que a roupa pode demonstrar sua classe social?

I- Em alguns casos sim.

D- Quando você vê alguém com roupas de marca, o que você pensa?

I- Sendo bem sincera? “Meu Deus, quanto essa pessoa deve ter pago nessa roupa?”.

D- O convívio no IFSC alterou sua forma de se vestir? Se sim, como?

I- Alterou, eu tive mais coragem para ousar em algumas coisas, tipo eu parei de usar sutiã quando eu não to afim e antes eu não fazia isso porque as pessoas que eu convivia antes julgavam muito esse tipo de atitude e aqui eu me sinto mais livre para fazer isso.

Entrevistado 8 | 5 de outubro de 2018

D- Você segue as tendências de moda? Por quê?

I- Sim, porque eu considero bonito.

D- Como você escolhe suas roupas - tanto para vir para escola quanto para sair - tem roupa que prefere utilizar na escola, como por exemplo o uniforme?

I- Sim, depende do local, se for um lugar mais casual uma roupa mais simples, se for um local mais chique uma roupa mais elaborada. Para a escola depende do meu humor, eu gosto de vir de uniforme para não enjoar das roupas que eu uso para sair, mas depende.

D- Qual foi a última vez que você fez compras? Quantas peças levou?

I- Faz duas semanas, eu comprei duas blusas e uma calça.

D- Você compra suas roupas com dinheiro próprio? Quando vai escolher, o que leva como prioridade?

I- Com o dinheiro da minha mãe, e a gente pensa em algo que nós duas podemos usar porque a gente usa o mesmo número, aí é melhor. Quanto a prioridade depende, a gente leva em conta o “preço-qualidade”.

D- Você já utilizou roupas de segunda mão? Se sim, sofreu algum julgamento ou ficou com vergonha? Se não, por quê?

I- Não que eu me lembre, porque como eu falei eu uso com a minha mãe.

D- Você costuma doar roupas? Por quê?

I- Sim, porque eu acredito que quando a gente não usa mais uma roupa outras pessoas podem usar.

D- Você antes de se vestir, tem o hábito de pensar no que as outras pessoas vão falar sobre?

I- Sim, eu penso no que as outras pessoas vão falar sobre.

D- Você já sofreu pré-julgamentos apenas pela sua aparência? Se sim, como?

I- Não que eu escutei, pode ser que falaram e eu não saiba, mas eu nunca escutei.

D- Você já ouviu comentários sobre suas roupas? Que tipo de comentários?

I- Normalmente as pessoas elogiam.

D- Você já comentou ou julgou alguém pelas suas roupas?

I- Já, é meio que um inconsciente em relação a moda.

D- Você acha que chama a atenção das pessoas por causa das suas roupas? Mesmo que sem intenção.

I- Não sei, talvez eu chame a atenção das pessoas pelas minhas roupas.

D- Você acredita que a roupa possui um caráter simbólico? E se ela pode ser usada como instrumento de expressão? Se sim, ela expressa realmente o que você quer transmitir?

I- Sim, por exemplo as pessoas góticas elas usam roupas mais pretas, eu acho que depende de como a pessoa se sente ela usa as roupas dela.

D- Você se sente parte de alguma tribo social? Se sim, você acha que isso influencia no convívio com outras pessoas?

I- Eu acho que sim. Em relação ao convívio depende da tribo, por exemplo eu costumo não me relacionar tão bem com pessoas mais góticas porque eu sou mais otimista.

D- Você se sente representado pelas roupas que utiliza? Por quê?

I- Sim, porque eu geralmente costumo me vestir conforme o meu humor, então se eu to mais alegre eu uso uma roupa mais colorida.

D- Você já utilizou determinada roupa por pressão social/ sentir-se incluso no meio de convívio? Se sim, conte mais sobre a situação.

I- Na verdade sim, como eu geralmente me visto de acordo com a situação e o local

eu também me visto de acordo com o que as outras pessoas vão vestir.

D- Você acredita que a roupa pode demonstrar sua classe social?

I- Sim, geralmente eu acredito que as pessoas com mais condições compram roupas mais caras.

D- Quando você vê alguém com roupas de marca, o que você pensa?

I- Que ela tem bastante condições.

D- O convívio no IFSC alterou sua forma de se vestir? Se sim, como?

I- Sim, porque antes eu me empenhava mais para ficar mais bem arrumada, agora já não tanto, eu coloco uma roupa qualquer e venho.

Entrevistado 9 | 5 de Outubro de 2018

D- Você segue alguma tendência de moda?

I- Mais ou menos, eu tento me vestir bem com o que me adequa, o que me faz sentir melhor, mas não necessariamente uma tendência global que eu veja as pessoas usando.

D- É mais algo que você goste mesmo?

I- Isso!

D- Entendi. E como você escolhe essas roupas? Quais são os critérios que você leva em consideração? O que te agrada em uma roupa?

I- Eu experimento as roupas que me caem melhor, as roupas que eu gosto mais, que eu me sinto mais confortável. Sempre experimento várias e é basicamente isso, não tem muita demora para a escolha, só pra algum evento específico.

D- É o mesmo critério para as roupas que você usa na escola ou para escola você tem algum critério específico?

I- Não sei, normalmente para escola eu tento usar uma roupa não muito chamativa,mas não tem tantos critérios.

D- Você tem o hábito de comprar muitas roupas?

I- Não muito, é um hábito que eu gosto, mas não é muito frequente

D- Você tem alguma noção de quando foi a última vez que você comprou alguma roupa?

I- Eu acredito que a um mes, eu acho que tenha sido só uma camisa mesmo

D- Você compra suas roupas com dinheiro próprio ou seus pais bancam suas roupas?

I- Sim, eu ainda não trabalho. Então, basicamente tudo é dos meus pais

D- Você já utilizou roupas de segunda mão? Tem esse hábito? Roupas de doação, como por exemplo, roupas de primos/irmãos?

I- Não sei, eu sou o irmão mais velho, então normalmente eu que dou as minhas roupas para os meus irmãos. Mas, eu acho que eu não sentiria vergonha de usar, eu acredito.

D- Você acha que você usando roupas de segunda mão, roupas doadas ou de brechó, você se sentiria um pouco desconfortável? Ou até se você já uso e se sentiu desconfortável por alguém falar alguma coisa?

I- Eu acho que é bem errado julgar alguém por usar roupa de segunda mão, até por que é um bem para a sociedade. Então, não tem muito sentido julgar alguém por isso

D- Você antes de se vestir, pensa que alguém vai te julgar pela roupa que você está usando?

I- Eu acredito que isso aconteça mais com mulheres, infelizmente na nossa sociedade acontecem bastante julgamentos em cima das mulheres pelas roupas que elas estão usando. Mas sim, eu penso no que as pessoas vão achar das roupas que eu estou usando, se vão achar elegante ou vão achar ruim. Então, acredito que sim, eu pense no que as pessoas vão dizer e vão pensar sobre o que eu estou usando

D- Você já se sentiu julgado pela roupa que você está usando ou alguém fez algum comentário sobre suas roupas?

I-Eu acho que nunca me senti julgado, para ser honesto. Acredito que já tenham me julgado.

D- Alguém já te pré-julgou pela sua aparência?

I- Acredito que isso realmente tenha acontecido. Eu acredito que todo mundo já tenha julgado e que já foi julgado, mesmo que indiretamente. É muito difícil não julgar alguém indiretamente e também não ser julgado. Mas eu não me recordo de nenhum momento específico em que alguém falou mal de mim pela roupa que eu estava usando

D- Então você nunca recebeu nenhum comentário relacionado a sua aparência mesmo?

I- Já, sobre usar brinco. O meu pai se sentiu bastante desconfortável por eu começar a usar brinco, mas não durou muito tempo.

D- Você tem o hábito ruim de fazer comentários e pré julgar a pessoa por determinada roupa que ela estava usando?

I- Eu acredito que seja bem difícil não julgar, mesmo que seja indiretamente, por mais que seja alguém que ninguém queira, ninguém quer julgar outra pessoa. Eu acredito que isso aconteça constantemente, mas não de maneira pejorativa. Eu tento evitar o máximo possível.

D- Você acha que as vezes você acaba chamando a atenção das pessoas pelas roupas que você está usando? Mesmo que não seja intencional, você acredita que isso acontece ou não?

I- Eu acho que isso acontece sim

D- Você acredita que a roupa possui um carácter simbólico? Que possa representar quem você é, seus gostos, estilos?

I- Eu não sei, eu acho que usar muito roupa neutra ou mais chamativa, pode demonstrar um pouco do que a pessoa é. Acho que isso acontece sim, por mais que também possa não significar nada, pode ser apenas um julgamento da pessoa que tá olhando. Mas pode representar, muitas vezes a pessoa quer se expressar através da roupa.

D- E você alguma já quis se expressar ou passar alguma mensagem pela roupa que estava usando? Ou nunca passou na sua cabeça?

I- Não sei, tiveram alguns momentos que estava tentando ser o mais estiloso possível, ao meu gosto, para chamar atenção ou me sentir mais confortável. Mas não muito, não é uma vontade muito constante.

D- Você tem o hábito de mostrar seus gostos por meio das suas roupas?

I- Quando eu era mais novo, eu usava camisa de um personagem, um desenho, alguma série que eu gostava

D- Você acha que faz parte de alguma tribo social?

I- Acredito que sim, acho que de uma tribo mais de nerds, para ser sincero, ou de pessoas que gostam de determinado assunto ou determinadas coisas. Eu acredito que me encaixo sim.

D- Você acha que isso tem alguma influência no seu convívio social com as outras pessoas?

I- Eu tento me misturar com o máximo de pessoas possíveis, mas algumas vezes eu fico meio delimitado, preso a esse grupinho dos nerds

D- Você acha que as roupas que você usa hoje representam quem você é?

I- Eu acho que depende do momento, mas atualmente não, nada demais.

D- Você já usou alguma roupa por pressão social?

I- Eu acredito que isso acontece bem mais com mulheres, realmente machismo é

um problema sério

D- A roupa pode definir realmente a classe social dela?

I- Eu acho que não, acho que isso pode variar bastante. Talvez a pessoa queira só economizar o dinheiro dela, é bem difícil não julgar alguém, olhar pela roupa e não pensar que ela seja de determinada classe

D- Quando você vê alguém vestido completamente com uma roupa de marca, qual é a primeira coisa que vêm na sua mente?

I- Que a pessoa está querendo se mostrar, é um pensamento mais imediato. Talvez isso nem seja a vontade da pessoa, mas é um julgamento que eu faço

D- Você acha que o convívio no ifsc alterou de alguma forma seu modo de vestir?

I- Eu acho que não muito. Quer dizer, nos outros colégios era obrigada o uso de uniforme, aqui é o primeiro colégio que eu estudo que não é obrigatório o uso. Então, isso só abriu mais oportunidade para eu me vestir da maneira que eu quero dentro da escola, mas não mudou muita coisa.

D- Qual é o seu pensamento sobre essa questão de não ser obrigatório o uso do uniforme no ifsc?

I- Eu particularmente gosto, mas eu entendo o ponto das pessoas que discordam, que acham que isso pode mostrar uma diferença de classes sociais, entre pessoas que usam roupas de marcas e pessoas que usam roupas de segunda mão. Eu compreendo esse lado das pessoas que dizem que seria interessante o uso obrigatório do uniforme, mas eu também não vejo problema.

Entrevistado 10 | 8 de Outubro de 2018

D- Você segue as tendências de moda? Por quê?

I-Não, eu não sigo nenhuma tendência de moda

D- Como você escolhe suas roupas, tanto para vir pra escola quanto para sair? tem roupa que prefere utilizar na escola?

I- Escolho pelo conforto para vir para o Instituto, mas como eu tenho estágio no período da tarde, eu procuro me vestir um pouco melhor, por conta do estágio e da minha imagem que eu tenho a zelar no estágio

D- Qual foi a última vez que você fez compras? Quantas peças levou?

I- Há três meses e foram oito peças

D- Você compra suas roupas com dinheiro próprio? Quando vai escolher, o que leva como prioridade?

I- Dinheiro próprio, eu faço tipo um custo benefício, a qualidade da roupa pelo preço dela

D- Você já utilizou roupas de segunda mão? Ou comprou em brechós e até mesmo sentou interesse por isso?

I- Sim, eu já comprei roupa de segunda mão e em brechó

D- Você acha que as pessoas apresentam julgamentos por conta disso?

I- Eu acho que as pessoas têm um julgamento sim, por você usar roupa de brechó. E até eu tinha, até um certo tempo, mas depois de comprar roupas em um brechó, eu não vi problema nenhum

D- O que você pensava antes, quando tinha esse preconceito?

I- Eu via como alguém que não consegue comprar roupa de marca. Eu julgava pela classe social, eu dizia que era uma pessoa de uma classe social mais abaixo do que a minha ou de pessoas que podem comprar roupas novas. Só que depois que eu comecei a comprar roupas em brechó, eu percebi que vale muito mais a pena, dependendo da roupa

D- Você costuma doar roupas? Por quê?

I- Tenho, eu faço uma limpeza de verão e de inverno no meu guarda-roupa e sempre doou. Quando eu era criança a situação em casa era mais precária, então eu recebia roupa dos meus irmãos. Então, necessariamente eu precisava de uma roupa e eu recebia uma doação, mesmo que era de alguém da família. Eu vejo isso importante, porque eu tenho a visão de São Paulo e Curitiba que visito, e acabo vendo muitos moradores de rua necessitados, então acho muito importante doar as roupas.

D- Você antes de se vestir, tem o hábito de pensar no que as outras pessoas vão falar sobre?

I- Eu penso muito na minha roupa, tanto que eu já cheguei a perder o ônibus pensando na roupa que eu ia vestir. Isso é verdade. Eu me visto um pouco melhor, pois eu sei que vou ser julgado pela roupa que estiver vestindo. Porém, não necessariamente é por esse motivo. Eu me visto para me sentir bem.

D- Você já sofreu pré-julgamentos apenas pela sua aparência? Se sim, como?

I- Já, preconceitos positivos e negativos. Como eu faço estágio na WEG, eu vou com determinadas roupas durante a semana e quando eu me vestia mais socialmente, pessoas do “chão de fábrica” me viam com um olhar diferente, eles me cumprimentavam, eles pensavam que eu era alguém superior a eles, de um cargo mais elevado. Quando eu usava roupas mais casuais, eu já não era mais tratado da mesma forma, era tratado quase como eu igual por eles.

D- Você já ouviu comentários sobre suas roupas? Que tipo de comentários?

I- Quando eu era menor, eu não me cuidava muito com roupas. Então direto eu escutava: “Você está desleixado”; “Você não se veste bem”; “Tem que melhorar as roupas que você usa”. Eu acho que foi um pouco por causa disso que eu mudei meu vestuário. Eu me senti um pouco mal, mas não era algo que me afetava, era mais ali na hora. Não me afetava tanto.

D- Você acha que chama a atenção das pessoas por causa das suas roupas? Mesmo que sem intenção.

I- Acredito que sim

D- Você acredita que a roupa possui um caráter simbólico? E se ela pode ser usada como instrumento de expressão? Se sim, ela expressa realmente o que você quer transmitir?

I- Eu acho que ela tratada muito de um caráter simbólico. Como eu falei da questão de fazer estágio e ela ser evidente um caráter simbólico. Só que não necessariamente a roupa que visto representa o meu caráter. Como por exemplo, as pessoas que se vestem de preto, a gente tem o preconceito de falar que ou é emo ou é uma pessoa triste e não necessariamente é isso. Eu diria que eu não sou uma pessoa totalmente feliz, mas eu tô todo de preto hoje. Então, eu sei que não sou todo triste, mas a gente tem um pré-conceito em cima disso.

D- Você já utilizou alguma roupa para transmitir alguma mensagem? Ou dizer algum traço da tua personalidade?

I- Já, eu tenho uma camiseta que está escrito “Deus me livre, mas quem me dera”, que eu comprei a pouco tempo, mas eu usei ontem na WEG, que no caso a gente tinha uma reunião e eu não queria ir para esta reunião

D- Você se sente parte de alguma tribo social? Se sim, você acha que isso influencia no convívio com outras pessoas?

I- Eu não sei dizer se eu faço parte de uma tribo social, eu não sigo só uma coisa. Acho que me encaixaria em várias diferentes. Mas eu posso dizer que sim, eu me sinto parte de várias tribos sociais. Eu iria usar um meme agora, “certamente que sim”. É claro que o convívio social com outras pessoas nas tribos e fora delas influencia e a roupa que você usa muitas vezes também, para você ter o primeiro acesso a uma tribo social, às vezes é pela própria roupa. Como gostávamos de chamar, os “modinhas”, eles precisavam ter uma roupa da moda, hoje em dia seria algo da “Supreme”, então se determinado grupo estiver junto e alguém chegar querendo entrar e não tiver uma roupa no padrão deles, ela não vai conseguir.

D- Você se sente representado pelas roupas que utiliza? Por quê?

I- Então, eu acho que eu visto uma roupa tentando transmitir muita coisa, além de

uma imagem. Não sei nem explicar, mas acho que sim. Eu percebo pelo jeito que as pessoas me tratam quando eu uso determinadas roupas, mas não necessariamente quando eu vesti minha roupa de manhã, eu quis transmitir que eu era superior ao cara que trabalha na fábrica. Mas eu queria vestir uma roupa mais social, e geralmente a gente liga essas coisas, o social a alguém mais importante.

D- Você já utilizou determinada roupa por pressão social/ sentir-se incluso no meio de convívio?

I- Eu já usei para me incluir em grupo de colegas, que hoje em dia a gente já não liga mais pra isso, mas na época eram os “rockeirinhos”. Eu comprava camiseta do “Nirvana”, do “Guns” por causa disso.

D- Você acredita que a roupa pode demonstrar sua classe social?

I- Não, eu não acredito nisso. Porquê se você parar para pensar, é que nem eu respondi, eu hoje dia uso roupas de brechó e uso roupas sociais e sou tratado de diferentes formas quando eu uso elas e as duas formas são para classes sociais diferentes e eu não estou em nenhuma das duas, estou entre elas. As pessoas acabam julgando pela roupa, mas isso não quer dizer que você seja aquilo que está transmitindo. Eu tenho um chefe na WEG, gerente da WEG MOTORES, que anda de shorts, bermuda, camiseta largada muitas vezes e você não diria que ele é um gerente da motores, mas ele é.

D- Quando você vê alguém com roupas de marca, o que você pensa?

I- De duas, uma. Ou jogou dinheiro no lixo ou comprou falsificado, que é o que eu faria, a segunda opção, não iria pagar R\$ 500 em camiseta.

D- O convívio no IFSC em quatro anos, já que você está na última fase, alterou sua forma de se vestir? Se sim, como?

I- Sim, eu tive um mudança física. Eu era mais gordinho, hoje eu tô bem mais magro e isso mudou, não necessariamente pelo IFSC, mas pelo tempo que eu passei aqui, eu mudei o jeito que eu me vestia e as roupas que eu usava.

D- Essa mudança no modo de se vestir teve alguma relação com colegas/professores?

I- Não por um amigo meu gostar de tal roupa, mas por eu gostar do jeito que tal colega meu se vestia e seguir um tendência parecida á essa, por ter gostado de ver ele vestido assim.

Entrevistado 11 | 9 de outubro de 2018

D- Você costuma seguir tendências de moda?

I- Tendências... porém não do mainstream, como algo em que estão todos usando,

seria mais do meu estilo próprio, seguindo apenas a tendência do meu estilo e não do que está na mídia.

D- Como você escolhe a sua roupa? tanto para vir para a escola quanto para sair para outros lugares?

I- Normalmente eu escolho por algo mais neutro, pois não gosto de roupas muito estampadas ou coloridas, mais cores neutras.

D- Eu percebo que você quase nunca está de uniforme, existe alguma razão especial?

I- Eu não gosto de usar uniforme.

D- Qual foi a última vez em que você fez compras e quantas peças você levou?

I- Foi há duas semanas e eu comprei 3 camisas.

D- Quando você vai às compras, você paga com seu dinheiro ou alguém paga pra você?

I- Com meu próprio dinheiro.

D- O que você leva em conta na hora de escolher as peças para comprá-las?

I- Normalmente o preço, se eu acho a roupa confortável e bonita.

D- Você já usou roupas de segunda mão?

I- Sim.

D- Alguém percebeu que você estava usando?

I- Não

D- Então você não sofreu nenhum julgamento por isto?

I- Não

D- Você costuma doar suas roupas?

I- Sim, pois eu não uso elas e acho que alguém podera fazer maior proveito da roupa.

D- Antes de se vestir você pensa em como as pessoas irão reagir a determinada peça?

I- Sim, Sempre.

D- Você já sofreu algum tipo de pré-julgamento pela sua aparência?

I- Já.

D- Você já ouviu algum tipo de comentário sobre a sua roupa?

I- Ja, comentários bons.

D- Você já julgou alguém pelas roupas que ela vestia?

I- Já, tanto para o lado ruim quanto para o bom.

D- Mas você já comentou frente a frente com a pessoa?

I- Sim.

D- Você acha que suas roupas chamam a atenção?

I-Sim.

D-Isto com intenção ou sem?

I- Sem intenção.

D-Você acredita que a roupa possui algum caráter simbólico?

I- Sim.

D- Você acha que usa suas roupas como forma de expressão de algo?

I- Sim.

D- Você se sente parte de alguma tribo social?

I- Sim, de muitas, não apenas de uma.

D- Você se sente representado por suas roupas?

I- Sim.

D- Você já usou alguma roupa para se sentir aceito em algum meio?

I- Já, eu acho que quando você se veste de determinada forma já têm a consciência de que as pessoas estarão julgando e muitas vezes não é nem por maldade, mas é algo do ser humano, de criação, então você acaba indo no fluxo.

D- Você acha que a roupa pode demonstrar a classe social de uma pessoa?

I- Sim.

D- Quando você observa alguém com roupas de marca, o que passa por sua cabeça?

I- Que a pessoa tem dinheiro.

D- O IFSC alterou de alguma forma o modo em que você se veste?

I- Sim, bastante, no sentido de que alteramos nossa forma de se vestir de acordo com as pessoas que estão na sua volta, por exemplo, no começo eu usava apenas preto, muito preto, e com o tempo eu perdi um pouco disto.

Entrevistado 12 | 9 de outubro de 2018

D- Você costuma seguir tendências de moda?

I- Não, porque eu não gosto de pessoas me dizendo o que eu devo ou não vestir.

D- Como você escolhe suas roupas, tanto para ir para a escola quanto para sair?

I- Eu escolho o que faz eu me sentir bem.

D- Qual foi a última vez que você fez compras e quantas peças levou?

I- Foi mês passado e eu levei 4 peças de roupas.

D- Quando você compra essas roupas é com dinheiro próprio ou outra pessoa paga para você?

I- Depende, quando eu estou trabalhando é dinheiro meu, e quando estou desempregado minha mãe que paga.

D- Quando você vai escolher as roupas antes de comprar, o que leva como prioridade?

I- Meu conforto.

D- Você utiliza roupas de segunda mão?

I- Sim.

D- Alguém percebeu que você usou estas roupas?

I- Talvez.

D- Você acha que sofreu algum tipo de julgamento por isso?

I- Talvez não diretamente

D- Você costuma doar roupas?

I- Sim, porque têm muita roupa que eu não uso e tem gente que vai usar bem mais do que eu.

D- Quando você vai se vestir você têm o hábito de pensar no que as pessoas irão comentar sobre determinada roupa?

I- Não.

D- Você já sofreu algum tipo de pré-julgamento pelas roupas que utiliza?

I- Diariamente, porque primeiramente eu sou um garoto que utiliza roupas femininas e as pessoas acham então que eu sou um homem que quer parecer como uma mulher, ou vice versa então eles geralmente me julgam, ou me chamam de “sapatão”, ou de “viado” ou ainda que eu “nunca vou ser uma mulher” sendo que esse nunca foi meu objetivo eu só uso o que me deixa confortável.

D- Você já ouviu algum tipo de comentário sobre as suas roupas?

I- Sim, me chamam de vulgar, vagabunda, pois eles acham que eu sou uma mulher e de viado.

D- Você já julgou alguém por suas roupas?

I-Sim, indiretamente.

D- Você acha que chama a atenção pelas roupas que usa?

I- Sim, eu não tenho intenção de chamar a atenção é apenas uma consequência.

D- Você acredita que a roupa pode possuir um caráter simbólico?

I- Sim, com toda a certeza.

D- Você usa com este objetivo?

I- Sim.

D- Você se sente incluído em alguma tribo social?

I- Algumas, me sinto parte da tribo dos rockeiros, das patricinhas, dos emos, e da comunidade LGBT.

D- Você se sente representado pelas roupas que utiliza?

I- Bastante, porque eu uso roupas que expressam quem eu sou e consequentemente elas transmitem essa imagem.

D-Você já usou roupas por pressão social?

I- Sim, há mais ou menos uns dois anos atrás eu “deveria” parecer hétero, então eu comprava roupas que a maioria dos héteros usavam pois eu achava que aquilo me fazia parecer um hétero.

D- Você acredita que a roupa pode demonstrar a sua classe social?

I- Depende de quem está observando.

D- Quando você vê pessoas com roupas de marca, o que pensa?

I- Burguês.

D- E quem usa dentro da escola?

I- Fico feliz que eles tenham dinheiro pra comprar, e que se sintam bem usando, isso, ser de marca não faz eu achar a roupa mais bonita ou mais feia

D- O convívio no IFSC alterou na forma em que você se veste?

I- Sim agora eu me visto de uma forma muito mais confortável.

D- O que você acha das pessoas que usam uniforme no ifsc?

I- Acho uniforme útil, principalmente por representar a instituição, então acho legal quem usa.

Entrevistado 13 | 9 de outubro de 2018

D- Você costuma seguir tendências de moda?

I- Sim, porque eu acho que a gente é muito influenciado pela mídia, que nos faz nos vestirmos de determinada forma, uma espécie de pressão social.

D- Você costuma usar determinada roupa pra se sentir aceita no meio?

I- Antigamente sim, porém não mais.

D- Isso mudou a partir de qual ponto?

I- Isso mudou a 2 ou 1 ano atrás porque eu era mais nova então a minha mãe dizia que eu deveria me vestir de tal jeito e a sociedade fala pra você se vestir de tal jeito e que eu era uma menina e ficaria mais bonita de tal jeito.

D- O convívio no IFSC alterou em algo?

I- Sim, porque têm mais pessoas se vestindo do jeito que querem aqui, claro tem pessoas que se vestem apenas por se vestirem, mas eu vejo vários estilos diferentes aqui e eu to me aceitando mais aqui.

D- Como você escolhe as roupas, tanto pra vir pra escola quanto para sair para outros lugares?

I- Eu só vejo como eu vou me sentir mais confortável naquele meio.

D- Qual foi a última vez que você fez compras e quantas peças levou?

I- Sábado, duas peças.

D- Você compra suas roupas com dinheiro próprio ou alguém paga pra você?

I- Alguém paga pra mim, eu ainda não tenho meu próprio dinheiro.

D- O que você leva como prioridade na hora de escolher essas roupas?

I- O conforto.

D- A pessoa que paga por suas roupas têm uma influência muito grande sobre a decisão final?

I- Não.

D- Você já utilizou roupas de segunda mão?

I- Sim, quase sempre eu to usando roupas de segunda mão.

D- Alguém já percebeu isso e te julgou de alguma forma?

I- Acho que não.

D- Você costuma doar suas roupas?

I- Sim, porque eu acho que tem gente precisando mais daquelas roupas do que eu.

D- Quando você vai se vestir você têm o hábito de pensar no que as pessoas vão pensar?

I- As vezes, mas é um pensamento muito rápido, porque eu penso que eu não deveria me importar.

D- Você já sofreu algum tipo de pré-julgamento pela sua aparência?

I-Sim, tem gente que acha que por eu ser menina eu devo usar vestido ou saia, daí às vezes essas pessoas acham que eu pareço um menino ou menos importante por isto.

D- As pessoas que te julgam isso é direto ou indireto?

I- As vezes eu percebo pelos olhares mas as vezes tem gente que vez falar isso pra mim.

D- Você já ouviu algum tipo de comentário sobre as suas roupas?

I- Sim.

D-Você já julgou alguém?

I- Sim eu já julguei, porém eu tento não fazer mais isso.

D- Você acha que chama a atenção pelas roupas que usa?

I- Dependendo da roupa eu chamo bastante a atenção.

D- Isso com intenção ou sem?

I- Sem.

D- Você acredita que a roupa pode possuir um caráter simbólico?

I- Acho que sim.

D- E você usa roupa com esse sentido?

I-Não, acho que eu não tenho nenhuma roupa com esse sentido

D- Você se sente parte de alguma tribo social?

I- Sim, eu acho que faço parte da comunidade LGBT porque eu acho que as pessoas de dentro dessa tribo aceitam os mais diferente tipos de pessoas.

D- Você se sente representada pela roupa que usa?

I- Sim.

D- Você acha que a roupa pode demonstrar a classe social da pessoa?

I- Acho que não porque às vezes a pessoa pode ser muito rica e usar roupas simples então isso não diz se ela é rica ou não.

D- Quando você vê alguém com roupas de marca, o que você pensa?

I- Eu penso que essa pessoa deve ser muito idiota pra gastar tanto dinheiro em uma roupa.

Entrevistado 14 | 11 de outubro de 2018

D- Você segue as tendências de moda?

I-Não, muito

D- Por quê?

I- Eu nunca fui do tipo que gostava desse negócio de moda, eu gosto de roupas confortáveis, tá, é importante, mas é que nossa senhora, eu vejo aquelas roupa e tipo, isso deve ser muito desconfortável e eu prefiro uma roupa que me deixa confortável e que eu acho relativamente bonita.

D- Você prefere não seguir as tendências de moda pela confortabilidade da roupa?

I- Isso e também eu não vejo porque todo mundo tem que se vestir igual, todo mundo tem o mesmo estilo de roupa e porque eu acho que a roupa ela transforma e mostra um pouco do que somos.

D- Você acha que a moda padroniza as pessoas?

I- Um pouco, sim, vamos supor se as pessoas seguissem a moda, todo mundo ia se vestir do mesmo jeito, porque todo mundo estaria com a roupa do mesmo estilo, não exatamente a mesma roupa mas todo mundo parecido.

D- Como você escolhe suas roupas tanto pra vir pra escola quanto pra sair para outros lugares? Tem roupa que você prefere vir para a escola?

I- Eu gosto de usar uniforme na escola

D- Por que?

I- Porque eu sempre fui acostumada a usar uniforme, porque desde pequena eu tinha que usar uniforme na minha antiga escola, porque era obrigatório e porque assim eu não tenho tanto trabalho pra escolher que tipo de roupa eu vou usar hoje, assim eu só pego a roupa de uniforme e evito gastar as outras. E pra sair eu prefiro usar calça jeans normalmente com uma blusa

D- Então também é padronizado

I- Não, é uma rotina

D- Qual foi a última vez que você fez compras? e quantas peças levou?

I- Mês passado e eu acho que foi um shorts

D- Você compra suas roupas com dinheiro próprio ou alguém paga pra você?

I- Eu não tenho emprego então eu acabo meus pais

D- E quando você vai escolher, o que leva em conta?

I- Se eu gosto da roupa e se também não é muito caro, pois eu não vou fazer eles pagarem tanto assim, eu sempre vejo um preço aceitável e se eu gosto daquela roupa

D- Você já utilizou roupas de segunda mão?

I- Já, todo mundo já usou

D- E você sofreu algum julgamento por isso?

I- O julgamento eu não sei, porque ninguém veio diretamente me falar, mas vergonha também não, se a roupa tá boa porque eu não posso usar?!

D- Você costuma doar roupas? Por que?

I- Quando eu consigo sim, eu nunca parei pra pensar sobre isso, mas acho que porque é o que as pessoas esperam que a gente faça, ajudar as outras pessoas, é de fato importante ajudar, mas geralmente minha vó me pede se eu tenho alguma roupa pra doar, pra igreja geralmente ou pras minhas primas

D- Você antes de se vestir tem o hábito de pensar nos que as outras pessoas vão pensar?

I- Na verdade eu não sei, acho que um pouco, porque eu não vou sair por aí com uma roupa que seja muito escandalosa, do tipo, “nossa olha aquela roupa”

D- Você já sofreu pré-julgamentos pela sua aparência? Se sim, como?

I- Eu já fui chamada de lésbica por usar uma blusa xadrez vermelha

D- Você já ouviu comentários sobre as suas roupas?

I- Acho que já

D- Que tipo de comentários?

I- A minha vó fala que calça rasgada é coisa feia, mas eu uso

D- Você acha que chama a atenção das pessoas, mesmo que sem intenção?

I- Não, porque eu não uso roupas muito coloridas, uso calça jeans e camiseta

D- Você acredita que a roupa possui um caráter simbólico?

I- Sim

D- Você acha que ela pode ser usada como instrumento de autoexpressão?

I- Sim

D- Você acha que as roupas que usa expressam quem você realmente é?

I- Acho que um pouco, não tudo mas algumas coisas elas passam, os meus gostos, porque eu gosto de banda e tal

D- Você se sente parte de alguma tribo social?

I- Não, talvez eu me encaixe em algumas mas não em uma específica

D- Você acha que isso interfere no convívio das pessoas?

I- Não, porque mudaria?

D- Então você acha que isso não influencia em nada?

I- Acho que não, porque tipo as pessoas que andam comigo não tem o mesmo estilo que eu, tipo a minha amiga gosta de rosa, e eu não, eu gosto de preto

D- Você se sente representada pelas roupas que utiliza? Por que?

I- Sim, porque eu acho que ela expressa a minha personalidade

D- Você já utilizou determinada roupa por pressão social?

I- Acho que na minha primeira comunhão, eu gosto mas eu não gosto, porque tipo assim, minha mãe queria que eu usasse aqueles vestidos branquinhos comprido cheio de "fru fru" e eu não gosto disso mas ao mesmo tempo eu gostei de usar ele porque parece que eu passei por uma fase da minha vida, mas não é algo que se eu pudesse optar pra escolher, eu não escolheria

D- Você acredita que a roupa pode demonstrar sua classe social?

I- Acho que sim, porque geralmente as pessoas com menos condição financeira não compram roupas tão cara, vamos supor, uma pessoa com muito dinheiro vai ver uma blusa de 50 reais e não vai pensar, nossa que caro, ela vai encontrar uma roupa até mais cara, mas uma pessoa mais pobre não vai comprar uma roupa mais cara ela vai procurar uma roupa mais em conta

D- Você acha que isso interfere nos gostos?

I- Não necessariamente

D- Quando você vê alguém com roupa de marca o que você pensa?

I -

Entrevistado 15 | 11 de outubro de 2018

D- Você usa o uniforme com que frequência?

I- Todos os dias

D- Por quê?

I- Porque no meu caso, eu acho que tipo, é algo da escola e eu não gosto de usar roupas de sair pra ir pra escola.

D- Você não gosta de usar roupa de sair pra vir para a escola, por quê?

I- Cara, porque eu não tenho tantas, aí evita de gastar elas

D- Você falou que o uniforme é algo da escola, mas nem todo aluno da escola usa, então é algum diferencial. O que você acha que isso passa de imagem pra quem tá dentro da escola? Tipo, os outros alunos olham pro pessoal que usa uniforme e pensa o que?

I- Das escolas que eu estudei até agora, era obrigatório o uso do uniforme, e pelos meus pais, eles queriam que eu usasse o uniforme pra dizer que eu to dentro da escola, entendeu?! E as pessoas que me veem fora, sabem que sou daqui.

D- Então você tá passando para as pessoas de fora que você é do IFSC?

I- Isso.

D- E o que você acha que as pessoas pensam quando elas veem que você é do IFSC?

I- Então, eles sabem que é um colégio bom e de qualidade, aí eles sabem que sou de lá.

D- E você acha que isso pode ajudar a escola de alguma maneira?

I- Talvez pela divulgação.

D- Entendi, você falou sobre o que as pessoas de fora pensam sobre o seu uniforme, mas aqui de dentro, o que você acha que os outros alunos pensam de quem usa?

I- Muitas vezes, pode ter gente que não usa porque não tem dinheiro pra comprar. Só que o uniforme é pra deixar as pessoas mais ou menos iguais. Eu acho bom, no caso, porque tem gente que pode vir com uma roupa diferente, pra se achar e tals.

D- E nesse caso, esse pessoal que vem com roupa diferente pra se achar, seria uma roupa de marca, mais cara?

I- Nem sempre, as vezes a pessoa pode vir com uma roupa diferente com o intuito de se achar ou pode ser a única que ele tem.

D- Você pode dar um exemplo de roupa que a pessoa vem pra se achar?

I- Essas roupas bem caras, tipo Gucci, pra mostrar que pode comprar coisa desse tipo.

D- Mas o que você acha disso?

I- Não tenho nada contra, porque no caso eu acho uma roupa bonita e tals, mas eu não usaria na escola porque não convém, não é um ambiente pra isso, eu acho.

D- Só pra finalizar, você já deixou de usar alguma roupa aqui no IFSC porque ficou com medo de que a galera ia te julgar?

I- Não, nunca.

D- E você costuma julgar alguém que ta usando uma roupa meio diferente, que você olha e pensa “mano, que estranho”?

I- Não, acho que é escolha da pessoa, entende?